



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Para e com as Crianças: (Re)imaginar o espaço público para transformar o Bairro das Galinheiras

Bárbara Germano Garcia

Mestrado Integrado em Arquitetura,

Orientadora:

Doutora Alexandra Cláudia Rebelo Paio, Professora Associada,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador:

Doutor José Carlos Mota, Professor Auxiliar,
Universidade de Aveiro

outubro, 2024



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Para e com as Crianças: (Re)imaginar o espaço público para transformar o Bairro das Galinheiras

Bárbara Germano Garcia

Mestrado Integrado em Arquitetura,

Orientadora:

Doutora Alexandra Cláudia Rebelo Paio, Professora Associada,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador:

Doutor José Carlos Mota, Professor Auxiliar,
Universidade de Aveiro

outubro, 2024



Laboratório de Ensaio de Metodologias de
Intervenção na Cidade Existente

Para e com as crianças: (Re)imaginar o espaço público para transformar o
Bairro das Galinheiras

Bárbara Germano Garcia

outubro de 2024

**Para e com as crianças: (Re)imaginar o espaço público para
transformar o Bairro das Galinheiras**

Aos meus pais,

“Una città dove i bambini camminano per le strade è una città sicura”

- Tonucci, 1996 -

Agradecimentos

Aos meus pais Cristiana e Artur, os meus pilares desta vida, os meus conselheiros, os meus amigos.

A toda a minha família Germano que me ajudou desde o começo até ao fim, em cada passo desta viagem académica, e um especial obrigado à minha madrinha Alexandra, que é incansável.

Ao Filipe, o meu parceiro de vida.

À minha amiga de longa data Joana que me deu sempre o ombro e toda a paciência para me apoiar em todos os momentos, dos melhores aos menos bons que este curso nos faz passar.

À Cláudia, uma amiga que fiz dentro desta instituição, mas que levo no coração para todo o lado, por todas as memórias, risos, choros e aventuras que partilhamos.

À Eliana, a companheira de Erasmus que me surpreendeu tanto e que se tornou uma amiga para a vida. Foram meses de autoconhecimento contigo do meu lado, foi um privilégio.

Ao padrinho Henrique, à Fernanda e aos primos Simão e Lara, que me acolheram na sua casa, na grande cidade, e me receberam e apoiaram sempre com todo o carinho.

Por fim, mas não menos importante, ao professor José Carlos Mota, pela inspiração e partilha de conhecimento e à minha professora e orientadora Alexandra Paio que, da licenciatura ao mestrado, me inspira a conhecer novas formas de humanizar a arquitetura e de compreender o papel do arquiteto na sociedade contemporânea.

Obrigado a todos aqueles que passaram por este caminho académico e que, de alguma forma, me ajudaram a crescer como pessoa e profissionalmente, espero poder retribuir.

A Cidade das Crianças

Resumo | Palavras-chave

O Projeto Final de Arquitetura (PFA) “Para e com as crianças: (Re)imaginar o espaço público para transformar o Bairro das Galinheiras” está enquadrado no LabTUR 2.0 - Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente, tendo como território de estudo o Bairro das Galinheiras e Ameixoeira. A proposta de intervenção desenvolvida segue os princípios de uma “Cidade Para e Com as Crianças”, orientando-se por uma abordagem que prioriza a inclusão, segurança e bem-estar infantil no espaço urbano.

A presente dissertação investiga a relação entre o espaço urbano e as crianças, propondo uma reflexão sobre a importância de projetar cidades que atendam às suas necessidades e promovam a sua autonomia. A pesquisa fundamenta-se na ideia de que a cidade das crianças é uma utopia concreta que visa transformar o ambiente urbano num espaço mais inclusivo, seguro e lúdico para todas as faixas etárias. Através de uma abordagem teórica, histórica e prática, o trabalho explora conceitos de cidades amigas das crianças, a mobilidade sustentável e a importância de processos participativos que envolvam as crianças na concepção dos espaços públicos.

São apresentadas experiências realizadas em diversos contextos, incluindo um processo colaborativo na associação A PAR, onde crianças de etnia cigana participaram ativamente na construção de uma maquete da sua rua. Este envolvimento não apenas fortalece a sua voz na comunidade, mas também promove a sua criatividade e sensação de pertença. A dissertação busca contribuir para o debate sobre a requalificação do espaço urbano, destacando a necessidade de repensar as infraestruturas urbanas em função das novas dinâmicas sociais e ambientais.

Palavras-chave: Crianças; Brincar; Espaço Público; Aldo Van Eyck; Mobilidade Sustentável; Rua para todos.

Abstract | Keywords

The Final Architecture Project (PFA) “For and with Children: (Re)Imagining public space to transform the Galinheiras Neighborhood” is part of LabTUR 2.0 - Laboratory for Testing Intervention Methodologies in the Existing City, with the Neighborhood of Galinheiras and Ameixoeira as the study territory. The intervention proposal developed follows the principles of a “City For and With Children”, guided by an approach that prioritizes inclusion, safety and child well-being in urban spaces.

This dissertation investigates the relationship between urban space and children, proposing a reflection on the importance of designing cities that meet their needs and promote their autonomy. The research is based on the idea that the children's city is a concrete utopia that aims to transform the urban environment into a more inclusive, safe and playful space for all age groups. Through a theoretical, historical and practical approach, the work explores concepts of child-friendly cities, sustainable mobility and the importance of participatory processes that involve children in the design of public spaces.

Experiences carried out in different contexts are presented, including a collaborative process at the A PAR association, where gypsy children actively participated in the construction of a model of their street. This involvement not only strengthens your voice in the community, but also promotes your creativity and sense of belonging. The dissertation seeks to contribute to the debate on the requalification of urban space, highlighting the need to rethink urban infrastructures in light of new social and environmental dynamics.

Keywords: Children; Play; Public Space; Aldo Van Eyck; Sustainable Mobility; Street for all.

Índice de Figuras

Figura 0.1. Apresentação inicial do LabTUR 2.0.....	1
Figura 0.2. Fotografias tiradas durante uma visita guiada pela CML às Galinheiras. 04/10/2023. Da autora.....	2
Figura 0.3. Participação no <i>Evento Comunidade Mais Saudável</i> no Polidesportivo e Largo das Galinheiras. Da autora.....	5
Figura 1.1. <i>a floresta que resiste na cidade, a cidade que existe na floresta</i> - Utopias arquitetónicas. Retirado de: https://foraad.com/utopias-in-architecture/	7
Figura 1.2. A cidade das crianças de Francesco Tonucci, 1996.....	8
Figura 1.3. Quem beneficia com uma cidade das crianças. Adaptado de <i>Designing Streets for Kids</i> (DSK). Da autora.....	9
Figura 1.4. <i>What makes a great place?</i> PPS, 1975.....	11
Figura 1.5. Os essenciais de uma rua para as crianças. Adaptado de <i>Designing Streets for Kids</i> (DSK). Da autora.....	13
Figura 1.6. Os sete elementos essenciais para um bom espaço público, a partir da perspetiva de Whyte. <i>The Urban Mycelium</i> , 2012.....	16
Figura 1.7. Playground Amsterdam. Photographic Archives.....	19
Figura 1.8. Playground em Bertelmanplein. Amsterdam Photographic Archives.....	20
Figura 1.9. Mapa de playgrounds entre 1954 e 1961, Amsterdão. Adaptado de ResearchGate	21
Figura 1.10. Gramática de elementos desenhados para equipamento do espaço público. Aldo Van Eyck Archive, 1947 – 1978.	21
Figura 2.1. IX Congresso Nacional da Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras. Torres Vedras.....	25
Figura 2.2. Caminhada com periscópio invertido. <i>A cidade pelos olhos de uma criança</i> . Torres Vedras, 2023....	26
Figura 2.3. Global Designing Cities Initiative, 2014.....	27
Figura 2.4. Evolução do toolkit elaborado no Workshop Manifesta. Da autora.....	28
Figura 2.5. Fotografias de alguns resultados no Workshop <i>Manifesta</i> com participação do grupo. Da autora....	28
Figura 2.6. Manifesto apresentado pelo grupo <i>Playful City</i>	29
Figura 2.7. Fotografias do BIP Lisbon - From Place To City: Constructing Collectively The Habitat. Da autora.....	30
Figura 2.8. Fotografias do processo participativo realizado com crianças na Associação A PAR. Da autora.....	32
Figura 2.9. Fotografia de resultados do processo participativo com as crianças na Associação A PAR. Da autora.....	33
Figura 2.10. Ortofotomapa do Superkilen Park. ArchisLoc (n.d.).....	34
Figura 2.11. Fotografias de Supperkilen. Architonic (n.d.).....	35
Figura 2.12. Ruas cortadas ao trânsito em Paris. Mensagem de Lisboa (2022) e X (2023).....	36
Figura 2.13. Um esboço mostrando o destino final de uma antiga estrada escolar. Imagens: Agência AREP. Futuro Próximo (2024).....	37
Figura 2.14. El modelo de la ciudad de Pontevedra. Ciudades que caminan.....	38

Figura 2.15. El modelo de la ciudad de Pontevedra. Ciudades que caminan.....	39
Figura 3.1. Mapa de Lisboa e mapa das Galinheiras, Ameixoeira. Da autora.....	43
Figura 3.2. Mapas da evolução morfológica das Galinheiras, Ameixoeira. Elaborado em turma.....	44
Figura 3.3. Distribuição percentual da população das Galinheiras e Ameixoeira por grupos etários, níveis de ensino e condição perante o trabalho, com base nos Censos 2021. Da autora.....	45
Figura 3.4. Fotografias de arte urbana no Bairro das Galinheiras, Rui Ferreira. Da autora.....	47
Figura 3.5. Mapa do Bairro das Galinheiras, com marcação da rua de intervenção e escolas existentes. Da autora.....	48
Figura 3.6. Fotografias do bairro. À esquerda, na rua Fernando Gusmão. À direita, nas vilas das Galinheiras. Da autora.....	50
Figura 3.7. Detalhe de pavimentos da rua. Da autora.....	53
Figura 3.8. Axonometria representativa do projeto. Da autora.....	54
Figura 3.9. Axonometria representativa do projeto. Da autora.....	55
Figura 3.10. Axonometria representativa do projeto. Da autora.....	55

Glossário de Siglas

LabTUR - Laboratório de Tecnopolíticas para a Regeneração Urbana

PFA – Projeto Final de Arquitetura

CML - Câmara Municipal de Lisboa

PER – Plano Especial de Realojamento

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

PPS - Project for Public Spaces

UN - Nações Unidas

APAR - Associação Aprender em Parceria

BIP – Blended Intensive Programme

NACTO - National Association of City Transportation Officials

DSK - Designing Streets for Kids

Conteúdo

Resumo Palavras-chave	vi
Abstract Keywords	viii
Índice de Figuras	ix
Glossário de Siglas	xi
Introdução	1
Objetivos	3
Metodologia	4
Estrutura	6
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico	7
1.1 Cidade do brincar - O papel da criança na cidade.....	7
1.2 Desenho da rua para a criança.....	12
1.3 Dar voz à criança	18
1.4 Aldo Van Eyck.....	19
Capítulo 2 - Ensaio Metodológico	23
2.1 Espaço de relato de experiências inovadoras e boas práticas.....	23
2.1.1 Entrevista a José Carlos Mota	23
2.1.2 Experiências fora da sala de aula	25
2.2 Processo Participativo	31
2.4 Casos de estudo	34
Capítulo 3 - Para e com a(s) Criança(s)	43
3.1 Contexto do território	43
3.2 Visão geral da rua.....	47
Referências Bibliográficas	59
Anexo A	61

Introdução

O LabTUR 2.0 - Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente serve como ponto de partida para a formulação desta proposta de intervenção cirúrgica PARA E COM o Bairro das Galinheiras, destacando a participação ativa das crianças que habitam o território.

O Laboratório assume o desafio de explorar metodologias para intervir em áreas urbanas já estabelecidas, promovendo uma leitura cuidadosa da cidade através da percepção das crianças. Neste contexto, o papel social do laboratório é aprofundar a compreensão das problemáticas locais e identificar as oportunidades de regeneração e valorização do espaço urbano, adotando abordagens que respeitem e promovam a identidade e a coesão comunitária do bairro. Esta abordagem visa criar soluções que não apenas respeitam a estrutura existente, mas também fomentam uma cidade mais inclusiva, onde as crianças assumem um papel central na identificação de melhorias e na humanização dos espaços públicos.

Além disso, o laboratório proporciona um ambiente para o ensaio de metodologias urbanas inovadoras, sustentadas em dois pilares fundamentais. O primeiro, as Tecnopolíticas, explora o uso estratégico de ferramentas tecnológicas para influenciar e moldar as políticas urbanas, incentivando a autonomia cidadã e a participação ativa na conceção do espaço urbano. O segundo, a Regeneração Urbana, reforça a importância de uma colaboração eficaz entre os setores público, privado e comunitário na reabilitação das áreas urbanas, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes.



Figura 0.1. Apresentação inicial do LabTUR 2.0.

A questão em estudo abrange três escalas espaciais distintas: o interior das habitações, que explora o modo de Habitar; o Espaço Público, que aborda a vivência da rua; e a Paisagem e Sustentabilidade, que promove o aproveitamento de espaços urbanos vazios. No contexto específico desta dissertação, a escala de intervenção centra-se no Espaço Público, com o objetivo de explorar as particularidades dos espaços urbanos de um território com características únicas, propondo formas de repensar e redesenhar esses espaços como parte da regeneração urbana.



Figura 0.2. Fotografias tiradas durante uma visita guiada pela CML às Galinheiras. 04/10/2023.
Da autora.

Esta dissertação foca-se, assim, nos espaços públicos do Bairro das Galinheiras, concentrando-se nas áreas próximas das principais escolas e jardins de infância, uma vez que o tema abordado reflete a visão de uma Cidade para as Crianças. Este conceito coloca as crianças em primeiro lugar na hierarquia de prioridades, reconhecendo que, ao atender às necessidades das crianças, se alcançam também as necessidades da comunidade como um todo.

Objetivos

A partir do conceito de Cidade do Brincar, a presente dissertação tem como objetivo principal explorar como o conceito de uma cidade centrada nas necessidades das crianças pode ser implementada no planeamento urbano e arquitetónico, promovendo ambientes urbanos mais inclusivos, seguros, funcionais e humanizados. A partir deste foco central os seguintes objetivos específicos orientam o desenvolvimento da investigação:

Reavaliar o espaço público através da perspetiva das crianças

Através de uma análise das necessidades das crianças, esta tese visa propor soluções para um desenho urbano que permite a criação de espaços públicos que promovem a liberdade, o brincar e a autonomia infantil, sem comprometer a segurança e a acessibilidade para os demais grupos sociais, como idosos, pessoas com mobilidade reduzida, cuidadores e ciclistas.

Promover o desenvolvimento físico, cognitivo e social das crianças

Através da proposta de espaços diversificados e estimulantes, a tese pretende demonstrar como o ambiente urbano pode ser um catalisador para o crescimento integral das crianças, ao criar percursos e espaços de interação que estimulem a aprendizagem e o desenvolvimento social.

Estabelecer uma conexão entre os princípios do desenvolvimento urbano sustentável e a Nova Agenda Urbana (NAU)

Demonstrar como a criação de uma cidade para as crianças está intrinsecamente ligada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente os objetivos relacionados com saúde e bem-estar (ODS 3), educação de qualidade (ODS 4), redução das desigualdades (ODS 10), cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11), e paz e justiça (ODS 16). A NAU complementa esta visão ao destacar a importância da sustentabilidade social, ambiental e espacial, promovendo a criação de espaços urbanos que sejam acessíveis e inclusivos, com ênfase na mobilidade segura e na preservação ambiental. O New European Bauhaus, por sua vez, introduz princípios de estética, sustentabilidade e inclusão social, orientando o desenho de ambientes que sejam não apenas funcionais e seguros, mas também visualmente inspiradores e acolhedores.

Incentivar a participação ativa das crianças no planeamento urbano

Explorar e promover formas de incluir as crianças nos processos de tomada de decisão relacionados com o planeamento urbano, reconhecendo-as como agentes ativos. A intenção é demonstrar como a participação infantil pode contribuir para a criação de espaços públicos mais democráticos, inclusivos e adaptados às necessidades de todos, desde a infância até a vida adulta, reforçando a ideia de uma cidadania partilhada desde cedo.

Metodologia

O projeto “Para e com as crianças: (Re)imaginar o espaço público para transformar o Bairro das Galinheiras” adotou uma metodologia dividida em cinco fases:

1ª Fase: Empírica

A primeira fase é caracterizada pela investigação empírica e pela definição de uma estratégia preliminar de intervenção. Em grupo, procedeu-se à leitura e análise de dados estatísticos; individualmente, realizou-se a revisão da literatura em duas etapas: (1) seleção e análise de um artigo de jornal, de um livro e de uma entrevista exploratória; e (2) aprofundamento teórico para fundamentação da proposta. Esta fase envolveu, também, a caracterização socioeconómica baseada nos dados dos Censos de 2021, a elaboração de uma linha do tempo da evolução morfológica do território desde 1911, e o mapeamento ecológico e de serviços do Bairro das Galinheiras e Ameixoeira.

2ª Fase: Descritiva

Nesta fase, o foco centrou-se na identificação do Programa Base de Intervenção, através da seleção de casos de estudo que influenciaram a conceção de uma cidade mais inclusiva e adaptada às necessidades das crianças. Procedeu-se também ao aprofundamento de autores de referência, como Aldo Van Eyck e Francesco Tonucci, com destaque para a importância de criar espaços públicos seguros e acessíveis, que promovam a autonomia e o bem-estar de todos os cidadãos, com especial atenção às necessidades das crianças.

3ª Fase: Explicativa

Na terceira fase, a metodologia avançou para um estudo mais prático e aplicado, onde se identificaram e avaliaram metodologias práticas para a implementação das estratégias de intervenção. Através de uma investigação etnográfica, foi realizado um estudo prévio que envolveu passeios pelo bairro, observando comportamentos e atividades na rua. Esta fase culminou na construção de soluções e na apresentação de propostas, enfatizando a importância de processos participativos na elaboração de um projeto inclusivo.



Figura 0.3. Fotografias da participação no *Evento Comunidade Mais Saudável* no Polidesportivo e Largo das Galinheiras. Da autora.

4ª e 5ª Fases: Desenvolvimento e Conclusão

As quarta e quinta fases consistiram no desenvolvimento do projeto arquitetónico, onde se consolidaram as ideias e propostas discutidas nas fases anteriores, resultando na criação de um desenho urbano que reflete os princípios de uma cidade mais adequada às crianças e, portanto, a todos os que a habitam.

Estrutura

O primeiro capítulo da dissertação aborda os fundamentos teóricos e conceituais que sustentam o estudo. Inicia-se com uma discussão sobre o conceito da "Cidade do Brincar", explorando a importância de criar espaços urbanos que incentivem o brincar e o desenvolvimento infantil (1.1). Em seguida, apresenta-se uma proposta de solução para o desenho da rua, refletindo uma perspectiva de como esses espaços podem ser reimaginados para melhor atender às necessidades das crianças e da comunidade (1.2). O capítulo também analisa a importância de dar voz às crianças nos momentos de decisão para um planejamento urbano mais adequado aos mais frequentes utilizadores destes espaços (1.3). Finalmente, discute-se a obra e a filosofia de Aldo van Eyck, cujo trabalho pioneiro em parques infantis serve de inspiração para as propostas apresentadas (1.4).

O segundo capítulo da dissertação foca-se na aplicação prática das teorias e conceitos discutidos anteriormente, com ênfase na metodologia de investigação e no envolvimento direto com o tema, como um espaço de relato de boas práticas (2.1). Inicia-se com a apresentação e análise da entrevista exploratória realizada pela autora a José Carlos Mota (2023), que oferece percepções e experiências como especialista na área (2.1.1). Segue-se uma reflexão sobre as experiências adquiridas através da participação em palestras, workshops e programas intensivos, que contribuíram significativamente para a formação da abordagem adotada (2.1.2). O capítulo também detalha o processo participativo conduzido pela autora, que envolveu a colaboração ativa de crianças na imaginação e implementação de ideias para o bairro onde habitam (2.3). Finalmente, são discutidos quatro casos de estudo que exemplificam práticas relevantes e inspiradoras, que serviram como uma base sólida para a análise comparativa e para o desenvolvimento das soluções propostas (2.4).

O terceiro capítulo da dissertação centra-se na aplicação dos conceitos teóricos e metodológicos ao território específico em estudo, culminando na proposta de intervenção. O capítulo começa por estabelecer o contexto histórico do território, fornecendo uma compreensão profunda das transformações urbanas e sociais que moldaram o ambiente atual (3.1). Em seguida, apresenta-se uma visão geral da rua, explorando as suas características físicas, usos e dinâmicas, o que permite identificar os desafios e oportunidades existentes (3.2). Por fim, o capítulo culmina com a apresentação do projeto ou proposta de intervenção, onde são delineadas as soluções práticas e criativas para transformar a rua num espaço mais inclusivo, lúdico e adaptado às necessidades da comunidade, especialmente das crianças (3.3).

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

O presente capítulo oferece a base teórica para a discussão sobre o papel das crianças no espaço público e o seu envolvimento no processo de planeamento e desenho da cidade. São exploradas as principais abordagens e referências teóricas que sustentam a visão de uma cidade inclusiva e acessível, onde as necessidades e os direitos das crianças estão no centro das decisões urbanas.

No conceito de "Cidade das Crianças", proposto por Francesco Tonucci (1996), é examinado como ponto de partida para entender a relação entre a infância e o espaço público, seguido por uma reflexão sobre o papel de arquitetos e urbanistas no desenho de cidades que promovem a autonomia e o bem-estar de todos os seus habitantes. Além disto, serão abordadas práticas e ideias que visam devolver às crianças a sua presença ativa nas ruas, como forma de revitalizar os espaços urbanos e fortalecer a coesão social.

1.1 Cidade do brincar - O papel da criança na cidade

“A floresta metia medo com as suas sombras e ruídos sinistros (...) Onde nos sentíamos seguros era no meio das casas, na cidade, na vizinhança. (...) Ao longo de algumas décadas tudo isso se alterou.

(...) Por um lado, a cidade perdeu as suas características, tornou-se perigosa e traiçoeira (...)

A floresta passou a ser bela, luminosa, objeto de sonho e desejo.”

- Francesco Tonucci, *A Cidade das Crianças*, 2019, p.41.

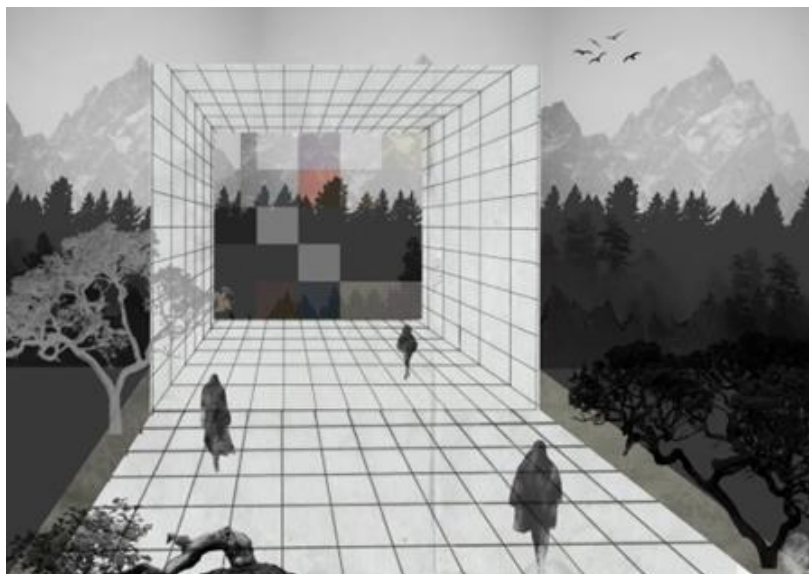


Figura 1.1. *a floresta que resiste na cidade, a cidade que existe na floresta* - Utopias arquitetónicas. Retirado de:

<https://foraad.com/utopias-in-architecture/>

A transformação na forma como compreendemos a natureza e a cidade reflete mudanças profundas nos padrões de desenho urbano e na forma como habitamos os espaços. A cidade, que outrora oferecia segurança e proximidade, hoje apresenta-se como um espaço inseguro. O lugar do encontro e da interação cedeu espaço de segregação, diferenciando pessoas, lugares e funções. Este cenário leva-nos a questionar como podemos redesenhar as cidades para que voltem a ser lugares de socialização e segurança, especialmente para as crianças, que devem ter a liberdade de explorar, brincar e crescer em espaços públicos seguros e humanizados.

O papel que as crianças representam no espaço público é bem mais valioso do que a maioria pode imaginar. O desenho de soluções a partir da visão das crianças são a chave para devolver vida e cor, movimento, energia ao ambiente urbano e, até mesmo, uma sensação de segurança (Seixas et al, 2023). A sua presença ativa nas ruas não apenas transforma estes espaços, tornando-os mais vibrantes e acolhedores, mas também convida a comunidade a participar de forma mais aberta e dinâmica. Ao regenerar o espaço público para as crianças, acabamos por beneficiar toda a sociedade, restabelecendo a rua como um lugar de encontro, partilha e convivência (Mota, 2023).



Figura 1.2. A cidade das crianças de Francesco Tonucci, 1996.

“A cidade das crianças é uma utopia concreta, uma utopia sustentável.”

- A Cidade das Crianças, Tonucci, 2019, p 180.

Este conceito implica pensar a cidade com espaços seguros e acessíveis, onde as crianças possam caminhar, brincar e explorar com liberdade e autonomia, enquanto aprendem a se relacionar com o espaço urbano de maneira participativa (UNICEF, n.d.). Tonucci (2019) acredita que ao adaptar a cidade às necessidades das crianças, estamos, na verdade, criando um ambiente que acolhe a todos – uma cidade onde a mobilidade é facilitada, a natureza tem presença essencial, e os espaços de convivência pública se tornam o centro das interações sociais. Esta utopia, então, longe de ser um conceito idealista, é uma proposta concreta e urgente de como as cidades podem se tornar lugares verdadeiramente habitáveis e humanos, através de uma abordagem de bottom-up que coloca a vida comunitária e o desenvolvimento das crianças no centro das políticas urbanas.

“Presume-se que quando a cidade estiver “mais adaptada às crianças, estará mais adaptada a todos”

Mulheres e grávidas

Ciclistas

Cuidadores

Mães e bebês

Idosos

Crianças

Pessoas com condições especiais

9

Atender às necessidades das crianças exige o redesenho das ruas para torná-las mais seguras e inclusivas, o que passa pela redução significativa da presença automóvel. Não se trata de eliminar completamente estes veículos, mas de reestruturar a mobilidade urbana para dar prioridade à segurança dos mais jovens. Reduzir velocidades e limitar o acesso automóvel em vias estratégicas, como os trajetos casa-escola, cria um ambiente onde as crianças podem deslocar-se com autonomia e liberdade, fomentando um desenvolvimento urbano que valoriza a mobilidade suave e o uso seguro dos espaços públicos (DSK, 2020). Uma solução que não apenas protege as crianças, mas também enriquece a qualidade de vida de todos os cidadãos, promovendo uma convivência urbana mais harmoniosa e incentivando interações mais saudáveis entre os moradores.

A cidade contemporânea tende a ignorar a perspectiva das crianças, dando prioridade às necessidades de um único perfil de cidadão — o homem adulto que trabalha e utiliza o automóvel como principal meio de transporte. O arquiteto e educador Francesco Tonucci (1996) propõe uma mudança radical nesse paradigma, defendendo que as crianças devem estar no centro do planeamento urbano. Como peões, as crianças compreendem intuitivamente o que é necessário para uma cidade mais acolhedora para todos os peões e são capazes de revelar o que a cidade realmente precisa para se tornar mais humana. Tonucci, um dos principais defensores desta abordagem, argumenta que a cidade deve ser mais do que um espaço funcional para adultos: deve também ser um ambiente enriquecedor e estimulante para as crianças, promovendo uma vivência urbana inclusiva e adaptada às necessidades de todos os seus habitantes.

Uma cidade para brincar é uma cidade à escala da criança, à escala de um desejo de liberdade e criatividade. Este conceito centra-se na criação de espaços que promovem uma interação lúdica entre pessoa-espaço e o desenvolvimento pessoal e social de quem o utiliza, especialmente a criança. Trata-se da importância de proporcionar oportunidades para que as crianças descubram, aprendam e brinquem no ambiente urbano. O brincar é uma atividade fundamental no crescimento da criança. É precisamente nos primeiros anos de vida que o desenvolvimento se dá de forma mais acelerada (Tonucci, 2019, p. 63). O espaço público deve ser desenhado para facilitar a brincadeira, promovendo a interação social, a descoberta e a aprendizagem. É no brincar que são, maioritariamente, adquiridas as aptidões necessárias ao desenvolvimento da criança, sejam físicas, cognitivas, sociais ou mentais e é no encarar os desafios que se ganha a capacidade de gerir emoções e conhecer novas sensações.

"As crianças não devem ser protegidas, mas 'armadas', isto é, dotadas de instrumentos, de aptidões, de autonomia."

- Francesco Tonucci, *A Cidade das Crianças*. 2019, p. 76

Enfrentar desafios urbanos é essencial para o desenvolvimento da autonomia das crianças. Quando têm a oportunidade de caminhar sozinhas, explorar a cidade e resolver problemas do cotidiano, aprendem a confiar nas suas próprias capacidades e a tomar decisões de forma independente (DSK, GDCI, 2020). A experiência de circular pela cidade, mesmo em ambientes com obstáculos e riscos, fortalece a sua autoconfiança e prepara-as para lidar com a complexidade da vida urbana. Este processo de amadurecimento implica que as crianças enfrentam pequenas dificuldades, como atravessar ruas, encontrar o caminho certo para casa ou interagir com outras pessoas no espaço público. Assim, além de se tornarem mais independentes, as crianças dinamizam os espaços públicos, trazendo vida e movimento às ruas, o que contribui para uma cidade mais inclusiva e vibrante.

WHAT MAKES A GREAT PLACE?

KEY ATTRIBUTES (Red circle)
INTANGIBLES (Orange circle)
MEASUREMENTS (Light orange circle)

PLACE

- SOCIABILITY**
 - WELCOMING
 - INTERACTIVE
 - FRIENDLY
 - PRIDE
 - NEIGHBORHOOD
 - COOPERATIVE
 - ENTERTAINING
 - DIVERSE
 - NUMBERS OF CHILDREN & ELDERLY
 - SOCIAL NETWORKS
 - VOLUNTEERISM
- USES & ACTIVITIES**
 - RETAIL SALES
 - RENT LEVELS
 - PROPERTY VALUES
 - LAND-USE PATTERNS
 - LOCAL BUSINESS OWNERSHIP
 - FUN
 - ACTIVE
 - VITAL
 - SPECIAL
 - REAL
 - USEFUL
 - INDIGENOUS
 - CELEBRATORY
 - SUSTAINABLE
- ACCESS & LINKAGES**
 - CRIME STATISTICS
 - SAFE
 - CLEAN
 - 'GREEN'
 - WALKABLE
 - SITTABLE
 - SPIRITUAL
 - CHARMING
 - ATRACTIVE
 - HISTORIC
 - ACCESSIBLE
 - CONVENIENT
 - WALKABLE
 - READABLE
 - CONNECTED
 - PROXIMITY
 - CONTINUITY
- COMFORT & IMAGE**
 - SANITATION
 - BUILDING CONDITIONS
 - ENVIRONMENTAL DATA
 - PARKING SPACE PATTERNS
 - PEDESTRIAN ACTIVITY
 - TRANSIT LOCALE
 - MODE SPLITS
 - TRAFFIC DATA

Illustrations:

- Family walking (top left)
- Group of people sitting (top right)
- Person on a bicycle (bottom left)
- Group of people sitting on a bench (bottom right)

11

1.2 Desenho da rua para a criança

"A rua, símbolo de degradação económica e moral, é o lugar da máxima poluição atmosférica, do barulho, do perigo originado pelo trânsito; é o lugar dos furtos, dos roubos por esticção, do tráfico de droga; é o lugar dos drogados, dos vagabundos, dos ciganos, dos pedintes."

- Francesco Tonucci, *A Cidade das Crianças*, 2019, p. 152

O desenho de ruas adequadas para as crianças é uma oportunidade para reconfigurar a cidade em benefício de todos os seus habitantes. Francesco Tonucci (2019) aponta que a rua moderna é, muitas vezes, um símbolo de degradação, associada ao perigo do trânsito, à poluição e à insegurança urbana. Esta visão, que descreve a rua como um espaço hostil, reflete um cenário onde as crianças e as suas famílias são desencorajadas a ocupar o espaço público, o que leva ao seu isolamento em ambientes controlados e protegidos.

"This is the motivation of play - the possibility of configuring alternate ways of being-in-the-world"

- Tara Woodyer, *Ludic Geographies: Not Merely Child's Play*, p. 316

A regeneração da rua, no entanto, não deve ser feita apenas pela imposição de vigilância ou pela limitação de usos. A presença ativa das crianças nas ruas é, por si só, um poderoso transformador do ambiente urbano. Tal como destaca Tara Woodyer (2012), o brincar abre possibilidades de "configurar modos alternativos de estar no mundo". Quando as crianças ocupam as ruas, elas difundem um sentido de ludicidade, exploração e pertença, criando um ambiente mais acolhedor e seguro, que promove a interação social e convida outras crianças a fazer o mesmo.

A presença das crianças transforma a rua numa extensão do espaço familiar e comunitário, restabelecendo o papel social da rua como um lugar de encontro, interação e brincadeira. Este retorno à rua, motivado pelo prazer do brincar e pela exploração, desafia a visão negativa do espaço público e incentiva a sua apropriação coletiva, não apenas para as crianças, mas para todos os cidadãos.

Aldo Rossi reforça esta ideia ao afirmar que a arquitetura deve ser uma criação coletiva, indissociável da vida civil e social. A requalificação da rua para as crianças promove este conceito de arquitetura inclusiva, concebida para servir a sociedade no seu todo, oferecendo um espaço que é, ao mesmo tempo, seguro, vibrante e fundamental para o desenvolvimento das crianças e para a convivência urbana.

"Concebo a arquitetura em sentido positivo, como uma criação indissociável da vida civil e da sociedade em que se manifesta; ela é, por natureza, coletiva"

- Aldo Rossi, *A arquitetura da cidade*, 2016, p. 27



Figura 1.5. Os essenciais de uma rua para as crianças. Adaptado de *Designing Streets for Kids* (DSK). Da autora.

Ruas para Pessoas – A Reconfiguração do Espaço Urbano

O conceito de "rua para todos" deve ser guiado pela criação de espaços seguros e inclusivos. William Whyte no seu livro *The Social Life of Small Urban Spaces* (1980), argumenta que os espaços públicos mais populares são as praças longas e estreitas, que funcionam de forma semelhante às ruas onde o comércio, a circulação e o convívio coexistem de maneira orgânica. Nestes espaços, é possível caminhar, sentar, descansar e até brincar, atividades que devem ser priorizadas no planeamento urbano. Whyte também introduz o conceito de "triangulação", onde elementos específicos como uma fonte de água, uma obra de arte ou uma árvore funcionam como "catalisadores" sociais, promovendo interações entre as pessoas de forma natural e espontânea. Para o autor, a triangulação ocorre quando um objeto ou atividade cria uma conexão indireta entre indivíduos que talvez não interagissem de outra forma. Elementos como uma fonte de água, uma escultura, ou mesmo uma árvore notável, servem de pontos de interesse compartilhado e podem instigar conversas entre desconhecidos que a observam e comentam juntos sobre ela. Ao integrar elementos que despertem curiosidade ou diversão, como uma instalação lúdica ou elementos naturais, o espaço urbano pode incentivar o contacto entre crianças e adultos e a convivência, promovendo uma cidade mais participativa e viva.

Um dos pontos críticos levantados por Whyte é que ruas desenhadas exclusivamente para a mobilidade automóvel são ineficazes para suportar uma ampla variedade de atividades públicas. Esta visão é corroborada pelos autores de *The Future Design of Streets* (Casas-Valle et al, 2023) que destacam a diversidade de usos que o espaço público pode oferecer — como caminhar, correr, dançar, vender, comer, ensinar e realizar eventos de diferentes tipos.

Para que as ruas promovam um ambiente urbano verdadeiramente inclusivo e vibrante, torna-se essencial introduzir elementos que tornem o espaço mais convidativo para os peões. O mobiliário urbano adequado, a inclusão de vegetação, iluminação de qualidade e pavimentos que diferenciam

áreas funcionais são componentes fundamentais para tornar o caminhar o modo de mobilidade mais confortável e natural, restaurando a rua como um espaço de convivência e interação (REF).

Gehl (1971) e Whyte (1980) também compartilham a ideia de que o sucesso de um espaço público depende da facilidade com que as pessoas podem interagir umas com as outras e com o ambiente à sua volta. Assim, o desenho urbano não pode ser estático, ele deve evoluir e adaptar-se às necessidades sociais, económicas e culturais dos seus utilizadores, promovendo não apenas a circulação, mas a permanência e a socialização (Gehl, 1971).

Desenhar ruas para crianças é um passo fundamental para criar cidades mais inclusivas, seguras e sustentáveis. Ao reavaliar o papel das ruas no tecido urbano e transformar o espaço público num lugar de encontro e convivência, estamos a promover o desenvolvimento de comunidades mais saudáveis e vibrantes.

A visão de Jan Gehl, William Whyte e Francesco Tonucci oferece uma base sólida para repensar o espaço público, colocando as pessoas – e especialmente as crianças – no centro do planeamento e desenho urbano.

O Desenho da Rua para as Crianças

O desenho urbano desempenha um papel crucial na forma como as pessoas interagem com o espaço público e entre si. As ruas são corredores de mobilidade, espaços de encontro, e muitas vezes o único espaço ao ar livre disponível para os moradores de áreas urbanas densas. Um bom desenho de rua deve equilibrar essas funções, proporcionando segurança, conforto e atratividade para todos os seus utilizadores. A transição de um espaço dominado por veículos para um espaço mais humano exige uma reavaliação dos elementos tradicionais do desenho urbano, adotando uma abordagem mais centrada nas necessidades dos pedestres e das crianças.

Jan Gehl (2010), um dos maiores defensores da cidade para as pessoas, argumenta que o desenho urbano deve ser centrado nas necessidades humanas, promovendo espaços onde pedestres, ciclistas e crianças possam coexistir de maneira harmoniosa. Para Gehl, "os espaços públicos devem ser desenhados em escala humana", priorizando o conforto e a segurança dos utilizadores mais vulneráveis.

Uma das abordagens mais importantes de Gehl é a "convivência em três níveis de atividades", onde ele separa as atividades urbanas em necessárias (como deslocamentos diários), opcionais (como passeios ao ar livre) e sociais (como interações espontâneas entre pessoas). Um bom desenho de rua deve ser capaz de promover estas três camadas de atividades. Assim, ao desenhar para as crianças, a cidade não só se torna mais inclusiva para elas, mas para todos os cidadãos, criando espaços que possibilitam interação e permanência.

Além disso, Gehl sugere que a presença de vegetação, mobiliário urbano adequado e zonas verdes ajudam a criar ambientes mais agradáveis e propícios para a socialização. Isto alinha com o pensamento de William Whyte, que em *The Social Life of Small Urban Spaces* salienta a importância dos quatro elementos naturais - sol (fogo), árvores (terra), vento (ar) e água -, componentes fundamentais para o sucesso de espaços públicos funcionais e acolhedores. Whyte observou que a presença desses elementos não só melhora o ambiente físico, tornando-o mais agradável e acolhedor, mas também estimula o uso ativo do espaço público.

Whyte observa que as pessoas preferem áreas que combinam sol e sombra, como a de uma árvore, que, por si só, criam uma experiência mais confortável. O sol torna os espaços mais agradáveis, é um atrativo natural, que incentiva as pessoas a reunirem-se em áreas iluminadas, mas a proteção contra o vento também é essencial, criando "armadilhas de sol" (*suntraps*) em pequenas praças ou parques parcialmente fechados. Whyte também critica a prática bastante comum de restringir o acesso à água, a qual atrai naturalmente as pessoas pelo som relaxante e pela capacidade de criar uma sensação de privacidade.

A valorização dos elementos naturais alinha-se com a criação de espaços mais humanizados, onde a conexão com a natureza e a interatividade se refletem em ambientes que convidam e permitem que as crianças e outros utilizadores vulneráveis possam sentir-se confortáveis e atraídos a explorar o espaço público de maneira espontânea e lúdica. Assim, ao projetar áreas urbanas que integram água, luz solar, vegetação e controlo do vento, é reforçado o objetivo de construir uma cidade adaptada às necessidades dos seus habitantes, sobretudo dos mais jovens, promovendo uma interação harmoniosa com o ambiente urbano.



Figura 1.6. Os sete elementos essenciais para um bom espaço público, a partir da perspectiva de Whyte. The Urban Mycelium, 2012.

Francesco Tonucci ressalta que, em relação à brincadeira, as crianças tendem a rejeitar propostas tradicionais que impõem regras rígidas ou estruturas fixas. Em vez disso, elas procuram explorar o ambiente de maneira criativa e não estruturada, valorizando a liberdade e a espontaneidade nas suas atividades lúdicas. Esta exploração permite que as crianças desenvolvam habilidades importantes, como a resolução de problemas, a criatividade e a interação social, à medida que se envolvem com os espaços públicos de forma ativa e dinâmica. Ao considerar estas necessidades no desenho das ruas, os urbanistas podem criar ambientes que incentivem a brincadeira livre, incorporando elementos que estimulem a imaginação e a interação, como áreas abertas, mobiliário urbano flexível e espaços que favoreçam a curiosidade. Desta forma, o espaço público torna-se um lugar onde as crianças podem se sentir seguras para experimentar, brincar e aprender, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e para a formação de uma cidade mais inclusiva e adaptada às suas necessidades.

No guia *Designing Streets for Kids* (DSK,2020), as ruas ideais para crianças devem ser:

Seguras e Saudáveis: Priorizar a segurança dos pequenos pedestres significa garantir que o espaço público seja livre de riscos, com medidas que reduzem o tráfego de veículos, melhoram a visibilidade e incentivam comportamentos seguros. Isso inclui elementos como pavimentação antiderrapante, espaços de circulação bem sinalizados, e zonas verdes que promovem a qualidade do ar e a saúde física das crianças;

Confortáveis e Convenientes: Espaços públicos para crianças devem oferecer conforto e praticidade, desde calçadas amplas e acessíveis até áreas de sombra e mobiliário urbano adequado. Este princípio visa tornar o percurso pela cidade agradável e inclusivo, incentivando a permanência e a participação no espaço público;

Inspiradoras e Educativas: As ruas também são espaços de aprendizagem. Elementos lúdicos e interativos, como obras de arte, mobiliário educativo e espaços de brincar, incentivam a curiosidade e promovem a interação das crianças com o espaço. Esse ambiente inspira o desenvolvimento cognitivo e oferece oportunidades para que as crianças descubram o mundo ao seu redor.

1.3 Dar voz à criança

Este subcapítulo explora a importância de integrar as crianças nos processos de desenho urbano, reconhecendo o seu direito ao espaço público e ao envolvimento nas decisões que moldam o ambiente em que vivem. Quando permitimos que as crianças participem ativamente no planejamento e desenho urbano, estamos não só a respeitar os seus direitos como cidadãos (UN, 1989), mas também a enriquecer o processo com perspectivas frescas.

Incorporar as vozes das crianças nos processos de planejamento toca em questões fundamentais dos direitos da criança, sublinhando o seu papel como membros ativos da sociedade. As crianças têm uma visão única sobre o espaço onde habitam e brincam, refletindo necessidades e formas de interação que muitas vezes escapam à percepção dos adultos. Estas perspectivas são enriquecedoras, pois as crianças observam e utilizam o espaço público de maneiras distintas, explorando-o de forma mais ativa e dinâmica. Além disso, ao oferecer-lhes um papel mais participativo, o espaço urbano passa a ser visto através de uma lente mais diversificada, adaptada tanto ao tamanho e às necessidades físicas das crianças quanto à sua curiosidade e energia natural.

Além de serem os utilizadores mais frequentes dos espaços públicos, as crianças são as que mais se beneficiam em termos de aprendizagem e desenvolvimento. Durante os primeiros anos, o cérebro da criança passa por um crescimento acelerado, e é através do brincar e do explorar que ela desenvolve competências cognitivas, sociais, motoras e emocionais. A interação com o espaço público não só promove habilidades como a gestão de emoções e o reconhecimento de sensações diversas, mas também permite que as crianças aprendam a relacionar-se com outras pessoas e a adquirir um sentido de pertença no espaço urbano.

A Itália é pioneira na implementação de processos participativos e oferece diversos exemplos práticos de como dar voz às crianças no urbanismo. Em cidades como Fano, onde se realizam experiências orientadas por iniciativas como o projeto *A Cidade das Crianças*, as crianças são ativamente envolvidas na modelação do espaço público, sendo incentivadas a expressar as suas ideias e necessidades para criar um ambiente urbano que seja verdadeiramente inclusivo. A experiência de Fano e de outras cidades italianas mostra que é possível criar políticas urbanas participativas onde as crianças têm uma voz ativa, abrindo caminho para novas práticas de envolvimento cívico e cultural, e provando que um urbanismo para todos começa por ouvir os que mais se beneficiam dele.

1.4 Aldo Van Eyck

A tendência de segregação das várias componentes da sociedade, que se deu na cidade, levou à criação de parques infantis cercados com muros e brincadeiras repetitivas. São poucos os espaços na rua que permitem à criança brincar livremente, porque os perigos e riscos são elevados.

Os parques infantis desempenham um papel essencial no tecido urbano, não só como locais onde as crianças podem brincar e desenvolver a sua imaginação e criatividade, mas também como espaços públicos que definem a identidade de uma comunidade. No período pós-Segunda Guerra Mundial, emergiu uma nova perspectiva sobre a infância e o brincar, que incentivou a criação de diferentes tipos de parques e abordagens diferenciadas na sua conceção.

Um dos trabalhos mais revolucionários, neste contexto, é o do influente arquiteto Aldo van Eyck, que realmente desafiou o desenho tradicional de espaços públicos com as suas intervenções na criação de *playgrounds* por toda a cidade de Amsterdão. Transformou a forma como pensamos sobre o espaço público e a experiência das crianças na cidade.

Van Eyck acreditava que os *playgrounds* (Figura 1.7) não eram apenas locais para brincar, mas sim ambientes ricos em possibilidades e pontos de encontro comunitário que poderiam ajudar a construir uma sociedade mais coesa e inclusiva. Os seus projetos, caracterizados por elementos geométricos simples, formas acessíveis e materiais duráveis, criam espaços flexíveis que estimulam a imaginação da criança que se apropria do ambiente de maneira única e aberta. Um dos princípios centrais das soluções de Van Eyck era a criação de parques que fossem integrados ao tecido urbano, permitindo que as crianças se sentissem parte da cidade e não isoladas em espaços segregados.



Figura 1.7. *Playground* em Amsterdão. Photographic Archives.



Figura 1.8. *Playground* em Bertelmanplein. Amsterdam. Photographic Archives.

Em 1947, Aldo Van Eyck construiu o seu primeiro *playground* (Figura 1.8) numa pequena praça em Bertelmanplein. Durante cerca de 30 anos, até ao parque em Alexanderstraat em 1978, desenhou mais de 700 parques. Todos os bairros da capital holandesa desejavam as suas obras, que traziam significado arquitetónico e social a estes vazios urbanos abandonados, deixados pelos altos edifícios ao redor (Torrijos, 2019). As crianças ativam estes espaços com a sua simples presença e imaginação ao utilizá-los.

Aldo van Eyck desenvolveu um vocabulário de elementos (Figura 1.10) nos seus *playgrounds* (Van Eyck, 1970), projetando elementos abstratos e geométricos – como caixas de areia, arcos e domos – que incentivam a exploração. Estes elementos foram inspirados em formas atemporais e estruturas culturais de diferentes épocas, criando espaços lúdicos sem diretrizes rígidas para a atividade. Esta proposta integra brincadeira e arquitetura, promovendo interação humana e incentivando a imaginação infantil. Van Eyck considerava estes *playgrounds* uma “estrutura humana” onde a imaginação podia fluir, unindo universalidade e geometria arquitetónica (Socks Studio, 2018).

Capítulo 2 - Ensaio Metodológico

Neste segundo capítulo, é abordado o ensaio metodológico que orientou a pesquisa realizada nesta dissertação. A partir da análise de relatos e boas práticas de intervenção urbana, que priorizam as crianças, este capítulo pretende ilustrar como a requalificação de espaços públicos pode promover a convivência e a autonomia infantil. Inicia com uma entrevista concedida pela aluna ao docente e investigador José Carlos Mota, que partilha a sua perspetiva sobre a evolução do espaço urbano e a presença das crianças ao longo do tempo. Em seguida, são exploradas experiências práticas realizadas fora de aula, incluindo palestras, um workshop e um BIP. Por fim, é apresentado o processo participativo realizado no Bairro das Galinheiras com as crianças que lá habitam, com vista à criação de espaços que atendam às necessidades exatas de todas as faixas etárias, reforçando o papel das crianças como agentes de transformação nas cidades.

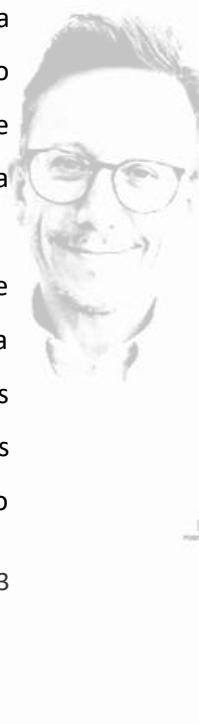
2.1 Espaço de relato de experiências inovadoras e boas práticas

2.1.1 Entrevista a José Carlos Mota

Na entrevista concedida a José Carlos Mota (2023), o entrevistado refletiu sobre a evolução do espaço público e a presença das crianças ao longo das décadas (Consultar Anexo A). Segundo ele, na sua infância, havia “duas vezes mais crianças no espaço público do que temos hoje (...) e cinco vezes menos carros” (Mota, 2023). Esta observação destaca a importância da presença infantil no espaço urbano, que contribui para a vivência e humanização desses ambientes. Com menos veículos e mais crianças, as ruas tornavam-se locais de interação social, brincadeira e descoberta, essenciais para o desenvolvimento infantil.

Mota relaciona essa mudança à desorganização do território contemporâneo, afirmando que “não é só um problema de projeto ou de desenho da infraestrutura, como Tonucci defende. É também um problema de quantidades: de quantidades de pessoas e quantidades de carros” (Mota, 2023). Esta reflexão ressalta que o atual desenho urbano tem priorizado a mobilidade dos veículos em detrimento das necessidades dos pedestres, impactando na presença e segurança das crianças. Assim, as ruas, que deveriam ser espaços de convivência, tornaram-se lugares perigosos e hostis, afastando as crianças da liberdade de explorar e interagir.

Além desta perspetiva, Mota (2023) mencionou uma tendência preocupante: a segregação de diferentes grupos sociais nos espaços urbanos. Crítica, assim, a prática de criar áreas de lazer para crianças cercadas por muros e grades, longe dos adultos, e a construção de lares para idosos em locais isolados. Esta segmentação não apenas limita as oportunidades de interação intergeracional, mas também enfraquece o sentido de comunidade. O ideal, conforme defende, seria promover a inclusão



através de espaços que possam ser utilizados por todos, onde crianças, adultos e idosos compartilhem experiências e convívios, favorecendo a coesão social e a vida comunitária.

Ele observa que, nas últimas décadas, a cidade deixou de ser organizada por funções, como a proximidade entre escolas, residências e locais de trabalho. Gera uma desarticulação que não apenas contribuiu para um aumento da sinistralidade nas ruas, a qual é a principal causa de morte infantil, mas também levou a problemas de saúde pública, como obesidade e sedentarismo. Mota ressalta que, atualmente, as crianças não têm as mesmas oportunidades de explorar e interagir com o espaço público, o que limita o seu desenvolvimento e aprendizagem.

O professor também abordou a questão da autonomia infantil, destacando que a vida sedentária e a dependência do automóvel criaram uma “hiperproteção” das crianças. Esta realidade resulta no “problema da autonomia mais baixa em toda a Europa”, onde as crianças não aprendem a deslocar-se de forma saudável nem a gerir riscos no espaço público. Mota argumenta que, quando confrontadas com situações de risco, as crianças têm menos habilidades para lidar com elas, o que pode levar a consequências mais graves. Ele defende que é essencial reverter esta tendência, promovendo um ambiente urbano que permita às crianças adquirir experiências práticas e aprender a navegar no mundo que as rodeia.

Por outro lado, Mota enfatiza a importância de integrar as crianças em processos participativos de planeamento urbano e utiliza exemplos de experiências bem-sucedidas. Ele mencionou que o envolvimento deve ocorrer fora das zonas de conforto dos adultos e que é fundamental usar plataformas que as crianças dominam, como redes sociais e jogos, para garantir que as suas vozes sejam realmente ouvidas. Um exemplo prático citado foi o projeto “À procura do meu lugar” em Valongo, onde as crianças foram incentivadas a mapear e a desenhar os seus espaços de brincar favoritos, permitindo que expressassem suas preferências e visões sobre o espaço urbano.

Por fim, Mota destaca a importância de criar ambientes inclusivos que garantam acesso a todos, especialmente para crianças de comunidades marginalizadas, como as comunidades ciganas e africanas. Ele acredita que estas crianças devem ter a oportunidade de brincar não apenas em espaços que são especificamente projetados para elas, mas também em toda a cidade. Isso envolve um trabalho de descoberta e de acolhimento, onde as crianças se sintam parte do espaço urbano e possam usufruir das suas diversas ofertas. Ao ouvir as vozes das crianças e integrar as suas perspetivas nas decisões urbanas, é possível criar um ambiente mais humano e inclusivo, que respeite e valorize o direito de cada criança a um espaço público seguro e estimulante.

2.1.2 Experiências fora da sala de aula

As experiências realizadas fora da sala de aula desempenham um papel crucial na formação de uma compreensão mais profunda do urbanismo e da participação das crianças no espaço público. Neste subcapítulo, serão discutidas três experiências significativas que contribuíram para o desenvolvimento do projeto arquitetónico e para a promoção de uma cidade mais inclusiva e amiga das crianças.

Cidades educadoras, cidades das crianças, cidades para todos!

A primeira experiência ocorreu durante o IX Congresso Nacional da Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras (Figura 2.1), realizado entre 8 e 11 de novembro no Centro Pastoral de Torres Vedras com o tema "Cidades educadoras, cidades das crianças, cidades para todos!". Esta palestra foi uma fonte de informação valiosa, que aprofundou a minha compreensão sobre como o planeamento urbano pode ser adaptado para atender às necessidades das crianças.



Figura 2.1. IX Congresso Nacional da Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras. Torres Vedras.

Os participantes foram convidados a adotar uma nova perspetiva, utilizando um periscópio invertido numa caminhada pela cidade (Figura 2.2). Esta ferramenta proporcionou uma perspetiva única, permitindo que observássemos a cidade através dos olhos de uma criança. A atividade revelou como as crianças interagem com o espaço urbano, destacando os desafios e as oportunidades que encontram para brincar e explorar. Porém, ficou claro que muitas das cidades que projetamos estão predominantemente orientadas para adultos, especialmente para aqueles que utilizam automóveis.



Figura 2.2. Caminhada com periscópio invertido. *A cidade pelos olhos de uma criança.*

Torres Vedras, 2023. Da autora.

Este enfoque muitas vezes ignora as necessidades das crianças, de seus cuidadores e dos mais idosos, que se movimentam pela cidade de uma maneira que exige mais segurança e proteção. O professor José Carlos Mota, um dos palestrantes, enfatizou que, para avaliar a segurança de uma cidade para as crianças, é fundamental observar a sua capacidade de brincar nas ruas, de se deslocar de forma autônoma e de andar de bicicleta, permitindo-lhes vivenciar a liberdade de ser criança. Infelizmente, este cenário ainda é raro nas nossas cidades contemporâneas.

A discussão também se alinhou com a *Global Designing Streets Initiative* (Figura 2.3), um movimento que visa reimaginar e transformar as ruas urbanas em espaços mais acessíveis e seguros para todos, especialmente para as crianças. Esta iniciativa enfatiza a importância de criar ambientes urbanos que incentivam a mobilidade ativa, como andar de bicicleta e caminhar, promovendo a interação social e o bem-estar da comunidade. O conceito apresentado no livro *Designing Streets for Kids* complementa a visão ao sugerir que as ruas não devem ser apenas vias de trânsito, mas sim espaços multifuncionais que integram áreas de brincadeira e interação, que as crianças possam explorar, brincar e desenvolver a sua autonomia.

“The Global Street Design Guide has been designed to inspire leaders, inform practitioners, and empower communities to design streets that put people first.”

- The Global Street Design Guide



Figura 2.3. Global Designing Cities Initiative, 2014

Workshop Manifesta - 4 a 8 Março

O Workshop Manifesta foi um espaço de criação e exploração, uma semana intensiva de trabalho que se destacou pela sua abordagem mais prática e participativa (Figura 2.4). O título em si já remete a ideias como: algo que se manifesta, algo que é feito com as mãos, que se projeta no espaço, ou impulsiona. Este workshop convidou os alunos participantes a explorar projetos ingênuos, possíveis e imperfeitos, que marcam a diferença pela sua simplicidade ensurdecadora e pela força impactante de um gesto simples.

O objetivo foi procurar uma inquietação individual e levá-la para um grupo, para que entre todos se formasse um único manifesto que refletisse as preocupações e aspirações de todos os envolvidos. Entre palavras como arte, crianças, vazio, criação e experimentação, tínhamos tudo para chegar a um desconforto. Esta inquietude que nos juntou, levou por consequência à criação de um jogo, com regras que davam uma liberdade total ao participante de ser quem quisesse, e fazer o que quisesse. A regra principal era a de desconstruir as regras que são impostas, de refletir sobre a real utilização dos objetos disponíveis e transformá-los em algo maior. ‘Livra-te de apuro ou dificuldade, agarra o desconforto e transforma-o’ tornou-se o lema que guiou o nosso trabalho.

Através de um *toolkit* construído para transportar uma limitada variedade de objetos aleatórios, como uma corda, um cabide, um pé-de-cabra ou um rolo de papel de alumínio, as regras eram simples: retirar uma carta de cada um dos três baralhos, que indicavam uma Ação, um Objeto e um Local. A única instrução era “Interpreta como te der na gana e sê tu mesmo”, teatralizando a Ação, utilizando o Objeto de forma criativa no Local aleatório. Os resultados foram surpreendentes e fora da caixa, tal como esperado. A imaginação e criatividade dos participantes fluíram, proporcionando propostas que desafiavam as convenções e promoviam novas formas de interação e ocupação do espaço ao nosso redor, do espaço urbano.

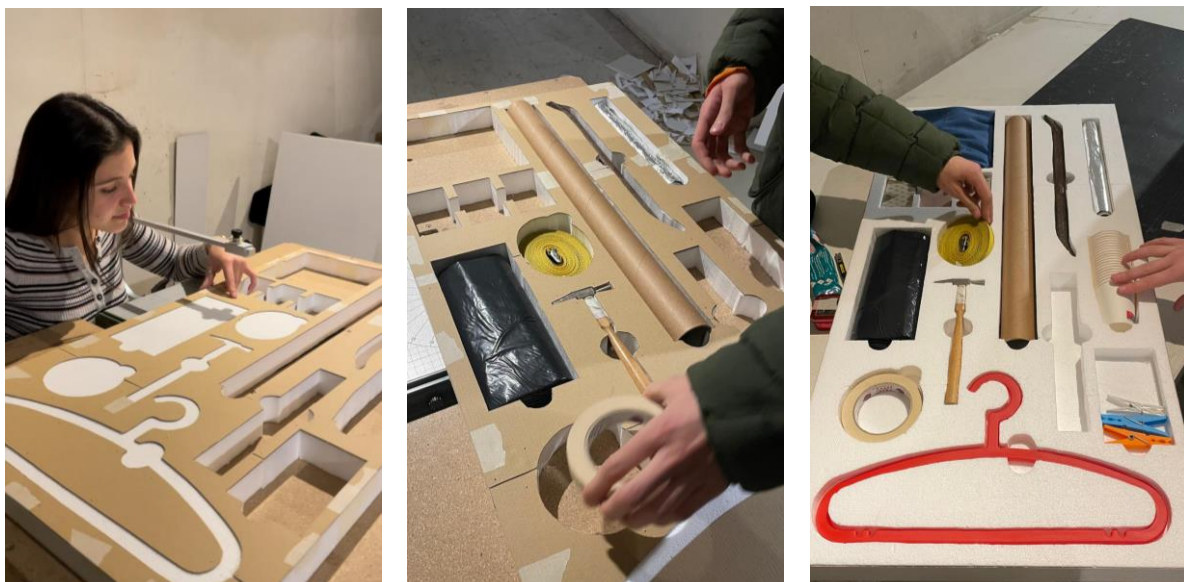


Figura 2.4. Evolução do *toolkit* elaborado no Workshop *Manifesta*. Da autora.

Esta experiência intensiva amplia a compreensão sobre a importância do jogo e da liberdade na criação para facilitar uma interação mais pessoal e humana com os outros, bem como reforça a necessidade de projetos que contemplem a infância como um elemento central na concepção de espaços urbanos.



Figura 2.5. Fotografias de alguns resultados no Workshop *Manifesta* com participação do grupo. Da autora.

BIP Lisbon - From Place To City: Constructing Collectively The Habitat

O programa Erasmus+ BIP - Blended Intensive Programme - intitulado "From Place to City: Constructing Collectively the Habitat", ocorreu de 8 a 12 de julho de 2024, sob a coordenação da professora Alexandra Paio. O evento reuniu alunos de várias universidades europeias, incluindo da Polónia, Áustria e Itália. Como tutora do grupo *Playful City – how to develop more inclusive, safe and vibrant intergenerational urban communities*, trabalhei juntamente com outra colega para guiar sete participantes na exploração de ideias e na elaboração de propostas para uma cidade mais lúdica.

Uma semana de trabalho intensivo resultou num manifesto e numa proposta de intervenção (Figura 2.6) para a rua e o largo Teresa Saldanha, no Bairro das Galinheiras, que alberga um parque infantil já existente. Os participantes iniciaram a semana com uma caminhada pelo território em estudo para levantamento dos principais desafios pelos quais se depararam e de seguida partiram para a materialização destas problemáticas e possíveis respetivas soluções. A principal conclusão a que chegaram foi que existe uma certa negligência do espaço, associada à falta de conforto devido a uma incompatibilidade entre o espaço e as necessidades da comunidade. Perante o tema *Playful City* e esta observação, levantou de imediato quatro subtemas pelos quais se regeram no restante trabalho - Brincadeira, Lazer, Natureza e Infraestrutura.

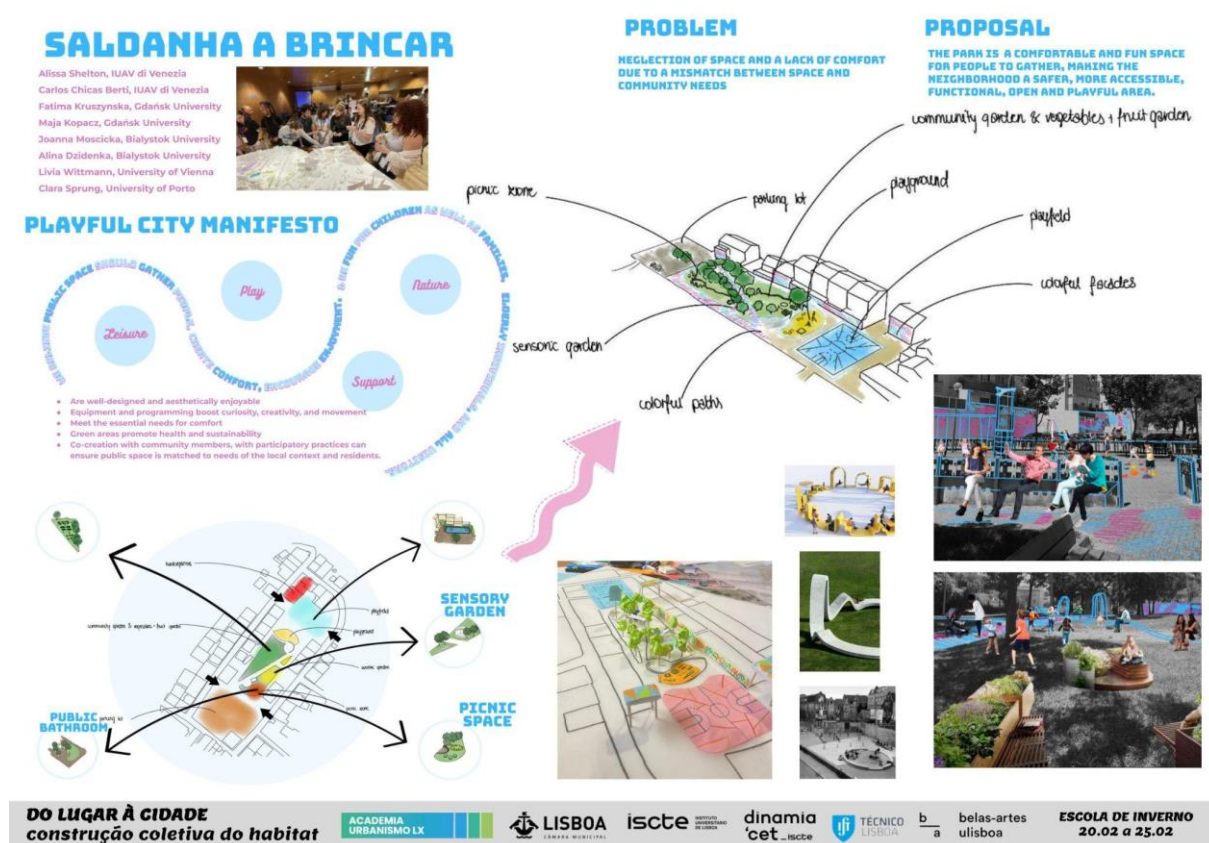


Figura 2.6. Manifesto apresentado pelo grupo *Playful City*.

A equipa trabalhou em mesas redondas de discussão e pesquisa (Figura 2.7), bem como na caracterização do território e na consequente proposta realizada para a maquete tridimensional disponibilizada para os grupos.



Figura 2.7. Fotografias do BIP Lisbon - From Place To City: Constructing Collectively The Habitat.
Da autora.

O manifesto refletia a convicção clara do grupo - “We believe public space should gather people, create confort, encourage enjoyment and be fun for children as well as families, elderly individuals and all visitors.”. A criação de uma zona de picnic, percursos e fachadas coloridos, bem como a instalação de um novo parque infantil e um jardim sensorial, foram algumas das soluções a que o grupo chegou para a proposta final.

2.2 Processo Participativo

A 9 de Maio de 2024, foi realizada uma atividade nas instalações da Associação A PAR - Aprender em Parceria - essencial ao processo do projeto arquitetónico presente nesta dissertação. Contou com a participação de 16 crianças de etnia cigana, entre os 5 e os 15 anos de idade, maioritariamente residentes na Avenida Glicínia Quartin, Ameixoeira, freguesia de Santa Clara, nos apartamentos pertencentes ao Programa Especial de Realojamento (PER). Esta foi uma experiência rica e significativa, utilizando um *toolkit* como ferramenta de expressão e criação e com o apoio de duas colegas de turma, Renata Pereira e Eliana Pâmpano (Figura 2.8) .

Toolkits e maquetes têm um papel fundamental em processos participativos, especialmente com crianças, pois tornam as ideias mais tangíveis e interativas, permitindo que elas se possam expressar e compreender o espaço de maneira intuitiva. Os *toolkits*, com objetos simples e materiais variados, estimulam a criatividade e oferecem às crianças a oportunidade de manipular, explorar e construir, incentivando uma participação ativa e lúdica. Maquetes, por sua vez, permitem que as crianças visualizem o espaço tridimensionalmente, compreendam escalas e relações espaciais, e identifiquem mais facilmente como as intervenções podem melhorar o seu ambiente.

Neste caso, a ferramenta utilizada foi uma maquete de esferovite. O principal objetivo era o de recolher toda a informação possível proveniente das perspetivas das crianças. Entender o olhar delas sobre o espaço público onde habitam, compreender como se apropriam dele e porquê, e ainda, dar-lhes a oportunidade de expressarem como gostariam de ver a sua rua.

O primeiro passo da atividade consistiu em ‘montar a rua’, em que as crianças foram desafiadas a encaixar os edifícios de esferovite nos respetivos lugares corretos. Esta etapa foi crucial para que as crianças pudessem visualizar e compreender o espaço onde estávamos a explorar, permitindo-lhes identificar as localizações dos edifícios e entender a configuração da rua. Os meninos identificaram, quase de imediato, todas as escolas e jardins de infância apresentados, bem como o Largo das Galinheiras.

Na sequência, as crianças foram convidadas a desenhar como gostariam que fosse o chão daquela rua. Utilizando uma cartolina, elas desenharam e pintaram livremente, demonstrando a sua criatividade e individualidade. Um momento especialmente tocante ocorreu quando uma menina expressou a sua ligação emocional ao espaço, escrevendo o seu nome de família e não permitindo que ninguém mais tocasse na área que ela havia criado. Esta demonstração de propriedade e afeto pelo espaço evidencia a importância de dar voz e autonomia às crianças, promovendo uma relação mais profunda com o ambiente urbano.

O terceiro passo envolveu a inserção de palitos na maquete, cada um com desenhos de brincadeiras coladas. As crianças escolheram as brincadeiras que mais gostavam e decidiram onde gostariam que elas existissem na rua. Esta atividade não apenas fomentou a criatividade, mas também incentivou a reflexão sobre como o espaço público pode ser mais acolhedor e divertido para as crianças. Ao integrar as suas preferências e ideias, as crianças contribuíram para um diálogo sobre a importância de espaços urbanos que favoreçam a brincadeira e a interação social. Outro momento de notar foi quando um menino quis levar estas brincadeiras de espaço público para dentro do recinto da sua escola, conectando estes dois espaços de aprendizagem e imaginação.



Figura 2.8. Fotografias do processo participativo realizado com crianças na Associação A PAR. Da autora.

Este processo participativo ilustra como a maquete e as atividades lúdicas podem servir como ferramentas poderosas para envolver crianças na requalificação dos espaços urbanos, promovendo um sentimento de pertença e empoderamento.

É relevante mencionar que a grande parte das crianças envolvidas na atividade não possui frequência escolar regular, e muitas delas são analfabetas. Durante a sessão, ficou evidente que as crianças mostravam um comportamento muito dinâmico, com uma compreensão restrita das instruções dadas, agindo espontaneamente de acordo com suas vontades e interesses.

Em simultâneo, a colega Renata Pereira conduzia outra atividade, esta, por sua vez, voltada para dentro da habitação destas crianças e respectivas famílias. Também através de um toolkit atrativo, as crianças conseguiam identificar as atividades que realizam em casa e referir as suas principais necessidades em falta no espaço onde moram. De forma criativa e lúdica, foi possível compreender as suas preferências e expectativas em relação ao espaço habitacional.



Figura 2.9. Fotografia de resultados do processo participativo com as crianças na Associação A PAR.
Da autora.

Foi concluído através dos resultados de ambas as atividades que as crianças têm uma percepção limitada sobre as suas habitações, pelo que entendem a casa apenas como espaço de comer e dormir e utilizam muito mais a rua ou os espaços exteriores disponíveis nas suas rotinas diárias. Esta análise reforça a importância de requalificar os espaços públicos que as crianças tanto procuram, de forma a proporcionar-lhes o melhor para o seu quotidiano, promovendo o desenvolvimento integral desta faixa etária.

2.4 Casos de estudo

Apresentam-se alguns casos de estudo que ilustram intervenções urbanas inovadoras e inclusivas, onde o desenho do espaço urbano contribui para a criação de ambientes mais acessíveis, seguros e dinâmicos, promovendo a interação social e a participação da comunidade.

1. Superkilen, Copenhaga, Dinamarca (2009-2012)

Superkilen é uma obra de requalificação urbana, idealizada pelo grupo de arquitetura BIG (Bjarke Ingels Group) em colaboração com o escritório de design Superflex e os arquitetos paisagistas da Topotek1. em Copenhaga projetado pelo escritório de arquitetura BIG, em colaboração com Topotek e a artista Superflex. Localizado no bairro de Nørrebro, um dos mais diversificados da cidade, o projeto é uma intervenção no espaço público que transformou uma área urbana fragmentada e subutilizada num parque vibrante e acessível. Superkilen é organizado em três áreas distintas — a Praça Vermelha, o Mercado Negro e Parque Verde —, cada uma delas dedicada a diferentes usos e com identidades visuais marcantes. A partir dessa diversidade de cores e zonas, o parque convida as pessoas a vivenciarem atividades variadas, desde o convívio e o lazer até ao desporto e contemplação, tornando-se um verdadeiro centro social para a comunidade.



Figura 2.10. Ortofotomapa do *Superkilen Park*. ArchisLoci (n.d.)

O parque celebra a diversidade cultural do bairro, sendo uma das características mais interessantes o uso de objetos urbano proveniente de diversas partes do mundo. Ao longo de toda a sua extensão, perto de um quilómetro, a equipa incorporou peças como fontes, bancos, *playgrounds* e esculturas, todos inspirados nas culturas dos residentes do bairro, que representam mais de 60 nacionalidades. A inclusão desses elementos não só reforça a identidade multicultural de Nørrebro como também oferece um ambiente de curiosidade e brincadeira, pois os visitantes encontram objetos únicos que representam diferentes países e histórias.

Para um estudo sobre uma cidade pensada para as crianças, Superkilen demonstra como a integração de referências culturais e objetos lúdicos no espaço público pode estimular o envolvimento

e a interação das crianças com o espaço urbano, além de promover uma educação informal sobre diversidade cultural.

Outro aspecto importante é a acessibilidade e a conexão entre as diferentes zonas do parque, que incentivam a exploração e o movimento livre, elementos essenciais para a autonomia e o desenvolvimento infantil. A Praça Vermelha, por exemplo, é composta por um piso colorido e ondulado que convida as crianças a correrem, pedalarem e brincarem, enquanto o Parque Verde oferece áreas mais calmas, com árvores e vegetação, onde é possível relaxar e observar a natureza. Essa integração de áreas ativas e passivas reflete a ideia de que o espaço urbano pode ser um local de aprendizagem e crescimento para as crianças, com zonas que permitem tanto o movimento quanto a contemplação, fundamentais para uma experiência completa do espaço.

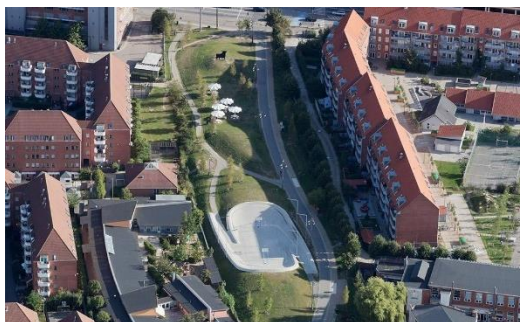


Figura 2.11. Fotografias de Supperkilen. Architonic (n.d.)

Finalmente, Supperkilen exemplifica o impacto de um projeto urbano que responde à diversidade e às necessidades da comunidade local. Ao transformar uma área antes desvalorizada em um espaço público seguro e atraente para todas as idades, o projeto contribui para a ideia de uma cidade inclusiva e democrática, onde as crianças têm espaço para se expressar e brincar. Essa abordagem é essencial para o conceito de uma cidade para as crianças, pois reforça a noção de que o espaço público deve ser acolhedor, seguro e estimulante, promovendo a autonomia infantil e incentivando interações saudáveis em um ambiente que celebra a pluralidade e a convivência.

2. Ruas Escolares em Paris

O projeto das Ruas Escolares em Paris é uma iniciativa ambiciosa que envolve o corte de ruas próximas a escolas para o trânsito de carros, transformando-as em áreas exclusivas para pedestres durante os horários de entrada e saída escolar. Desde o início do projeto, quase 200 ruas já foram convertidas em zonas de acesso restrito, criando um ambiente mais seguro e acolhedor para as crianças, pais e funcionários escolares. Esta intervenção procura reduzir os riscos associados ao tráfego, melhorar a qualidade do ar nas imediações das escolas e incentivar as crianças a caminharem sozinhas e utilizarem meios alternativos de transporte, promovendo uma mobilidade mais sustentável.

Uma característica marcante do projeto é o impacto positivo na autonomia infantil. Com a redução da circulação de veículos, as crianças têm mais liberdade para se movimentar pelas ruas e se aproximarem da escola sem os perigos associados ao tráfego. Essa independência proporciona mais confiança aos jovens, permitindo que eles adquiram habilidades de orientação e mobilidade urbana desde cedo. Para um estudo voltado à cidade das crianças, as ruas escolares de Paris representam um exemplo inspirador de como pequenas intervenções urbanas podem transformar significativamente a relação das crianças com o espaço público, incentivando o uso ativo e seguro das ruas.



Figura 2.12. Ruas cortadas ao trânsito em Paris. Mensagem de Lisboa (2022) e X (2023)

Além disso, o projeto de Paris está alinhado com o conceito de uma cidade dos 15 minutos, idealizado por Carlos Moreno, que defende a ideia de que os moradores de uma cidade devem ter acesso aos principais serviços e espaços de convivência a uma curta distância das suas casas. Ao facilitar o acesso seguro à escola e integrar o ambiente escolar ao espaço público, as ruas escolares reforçam a ideia de uma cidade onde as crianças podem circular com segurança, promovendo uma maior integração comunitária e melhorando a qualidade de vida local.

A intervenção destaca a importância de reimaginar as ruas como locais de encontro e interação. Para um projeto que explora a cidade das crianças, as ruas escolares de Paris evidenciam o valor de espaços públicos mais inclusivos, onde as crianças podem viver o espaço urbano ao seu redor com segurança e liberdade. A iniciativa parisiense reforça o potencial das cidades em criar áreas que não apenas protejam as crianças, mas que também as envolvam, tornando o ambiente urbano mais saudável, interativo e estimulante para o seu desenvolvimento.



Figura 2.13. Um esboço mostrando o destino final de uma antiga estrada escolar. Imagens: Agência AREP. Futuro Prossimo (2024).

3. Pontevedra, Espanha

O projeto de requalificação urbana em Pontevedra, Espanha, é um dos exemplos mais notáveis de transformação de uma cidade em prol da circulação pedonal e da criação de espaços públicos seguros e confortáveis. Desde o final dos anos 90, a cidade reduziu drasticamente o acesso de veículos ao centro urbano, priorizando os pedestres e as bicicletas e criando um ambiente muito mais seguro e atraente para os habitantes. Esse processo envolveu a eliminação do tráfego intenso e de áreas de estacionamento em regiões centrais, substituindo-as por praças e ruas voltadas ao convívio, ao lazer e à circulação a pé.



Figura 2.14. *El modelo de la ciudad de Pontevedra. Ciudades que caminan.*

Uma das características mais marcantes de Pontevedra é a criação de áreas seguras onde as crianças podem brincar livremente, socializar e caminhar sozinhas com segurança. Essas zonas pedonais oferecem uma maior sensação de liberdade e independência às crianças, que são incentivadas a explorar o espaço urbano sem os riscos do trânsito de veículos. Para o conceito de uma cidade para as crianças, Pontevedra apresenta uma solução inspiradora ao mostrar como o planejamento urbano pode favorecer a autonomia infantil, possibilitando que crianças e adolescentes se sintam mais integrados e seguros no seu ambiente.

Outro aspecto importante é a maneira como Pontevedra transformou o seu centro urbano num lugar acessível e agradável para todas as faixas etárias. A redução do tráfego automobilístico melhorou a qualidade do ar e reduziu a poluição sonora, benefícios significativos para a saúde e o bem-estar dos moradores. Esse ambiente mais saudável e acessível é um componente central na criação de cidades mais inclusivas, onde os espaços públicos são projetados para acolher as crianças e os adultos, e não apenas para atender à circulação de veículos. Essa abordagem faz com que a cidade ofereça uma experiência urbana que é ao mesmo tempo educativa e estimulante para as crianças.

O exemplo de Pontevedra reforça o poder das cidades em reimaginar os seus espaços para que promovam a mobilidade ativa, a convivência e o lazer. Para um estudo que explora a cidade das

crianças, a experiência desta cidade espanhola oferece uma perspectiva rica sobre como a requalificação urbana pode dar novo significado às ruas e praças. Pontevedra demonstra que, ao priorizar as pessoas sobre os carros, é possível criar um ambiente urbano que incentiva a socialização, a segurança e a participação ativa das crianças na vida pública.



Figura 2.15. *El modelo de la ciudad de Pontevedra. Ciudades que caminan.*

4. 100 Architects

Os 100 Architects são especializados em intervenções urbanas que trazem cor, interação e ludicidade para os espaços públicos, transformando-os em ambientes vibrantes e envolventes. O estúdio, fundado em Xangai, é conhecido por projetos de desenho urbano e arquitetura que frequentemente incorporam formas coloridas e geométricas, convidando as pessoas — especialmente as crianças — a explorar, brincar e interagir com o espaço ao seu redor.

Um exemplo marcante dos projetos da 100 Architects é a criação de áreas urbanas repletas de estruturas lúdicas, como rampas, escorregas, bancos e caminhos que guiam as pessoas por uma experiência sensorial e visual. Para o conceito de uma cidade para as crianças, estes elementos são valiosos porque transformam áreas convencionais em locais que despertam a curiosidade e o desejo de brincar, ajudando a redefinir a relação das crianças com o espaço público. A abordagem do estúdio reforça a ideia de que o ambiente urbano pode ser uma extensão do parque infantil, promovendo a brincadeira como uma parte integral da vida quotidiana.



Figura 2.16. Quatro projetos dos 100 Architects. 100architects, Shanguai, 2013.

Outro aspecto distintivo dos projetos dos 100 Architects é a escolha por materiais duráveis e cores vibrantes que chamam a atenção e criam um contraste visual com o ambiente urbano. Essa estética visual não apenas torna o espaço mais atraente, mas também age como um ponto de referência e identidade para o local, favorecendo a memória afetiva e a identificação dos moradores

com estes espaços. Para um estudo sobre cidades para as crianças, o trabalho do estúdio exemplifica como o desenho urbano pode ser usado para criar ambientes que não só atendem às necessidades de mobilidade e segurança, mas que também proporcionam experiências sensoriais e emocionais.

Por fim, as intervenções dos 100 Architects mostram como o desenho criativo pode fomentar a interação intergeracional. Ao criar espaços que convidam tanto crianças quanto adultos a interagir e explorar, o estúdio contribui para uma cidade mais inclusiva e socialmente conectada. Esse tipo de intervenção é ideal para uma cidade que quer integrar as crianças de forma ativa no espaço urbano, oferecendo-lhes ambientes que estimulam a aprendizagem, a autonomia e o desenvolvimento social através da brincadeira e da interação com o meio urbano.

Capítulo 3 - Para e com a(s) Criança(s)

O capítulo demonstra uma possível solução arquitetónica, desenvolvida a partir de toda a teoria estudada e exemplificada anteriormente e todas as camadas de informação que foram sendo compostas ao longo do processo de trabalho.

Esta proposta de desenho e concretização de uma rua foi desenvolvida para um território existente. Assim, é necessário iniciar por uma contextualização do espaço urbano, fornecendo uma compreensão profunda das principais transformações urbanas e sociais que se deram nas últimas décadas e que moldaram o ambiente atual. Em seguida, apresenta-se uma visão geral da rua em questão, explorando as suas características físicas, usos e dinâmicas, o que permite identificar os desafios e oportunidades existentes. O Capítulo culmina na apresentação detalhada da proposta de intervenção.

3.1 Contexto do território

A área de intervenção situa-se no Bairro das Galinheiras, na freguesia de Santa Clara (Figura 3.1). Localizada no norte de Lisboa e delimitada a norte pelos municípios de Odivelas e Loures. Uma das características mais marcantes é a divisão gerada pela infraestrutura rodoviária do Eixo Norte-Sul a nascente, que atravessa a cidade e separa a freguesia em duas áreas distintas: a nascente, a Alta de Lisboa e a poente, as Galinheiras e a Ameixoeira.



Figura 3.1. Mapa de Lisboa e mapa das Galinheiras, Ameixoeira. Da autora.

As Galinheiras e Ameixoeira passaram por uma evolução morfológica e social significativa nas últimas décadas, marcada inicialmente pela gênese ilegal de conjuntos habitacionais. O surgimento de barracas, que começou a ocorrer em resposta a necessidades urgentes de habitação, foi um reflexo da falta de políticas habitacionais eficazes e da crescente migração de pessoas em busca de melhores condições de vida. Com o tempo, estas áreas evoluíram para áreas urbanas de gênese ilegal (AUGI), onde a diversidade de culturas e etnias começou a moldar a identidade local. Esta diversidade trouxe uma dinâmica rica, mas também desafiadora, devido à condição periférica e fragmentada dessas comunidades, caracterizada pela falta de acessibilidade e serviços básicos.

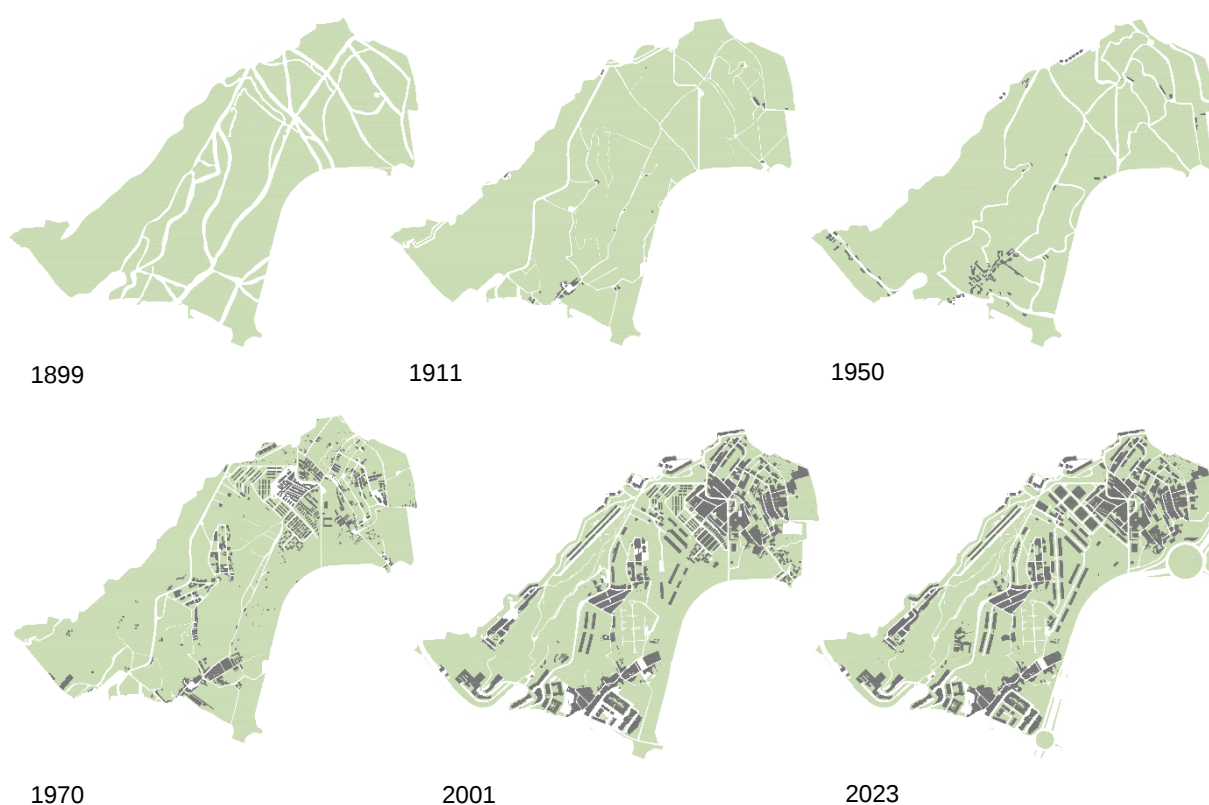


Figura 3.2. Mapas da evolução morfológica das Galinheiras, Ameixoeira. Elaborado em turma.

O contexto social das Galinheiras e Ameixoeira foi impactado pela implementação do Programa Especial de Realojamento (PER), que visou melhorar as condições de vida dos habitantes, promovendo a requalificação urbana e o realojamento de famílias. No entanto, a transição de uma morfologia informal para uma mais estruturada tem sido lenta e enfrenta resistência, dado o enraizamento das comunidades e a necessidade de respeitar a cultura local.

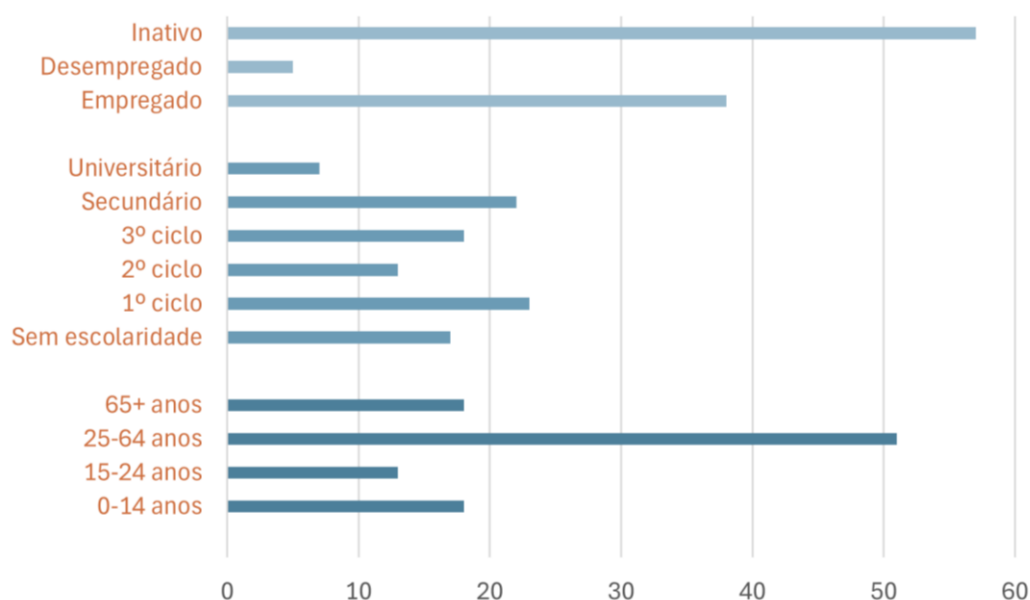


Figura 3.3. Distribuição percentual da população das Galinheiras e Ameixoeira por grupos etários, níveis de ensino e condição perante o trabalho, com base nos Censos 2021. Da autora.

Os dados demográficos, educacionais e laborais dos residentes nas Galinheiras e Ameixoeira revelam uma complexa realidade social que impacta diretamente a dinâmica do território. A distribuição etária indica uma população predominantemente adulta o que sugere uma força de trabalho significativa, mas também um desafio em termos de planeamento de políticas sociais e serviços adequados para a faixa etária mais jovem (0-14 anos, representando 18%) e para os idosos (18%). A presença expressiva de jovens e idosos aponta para a necessidade de espaços públicos que promovam a interação intergeracional, bem como a oferta de atividades e serviços direcionados a essas faixas etárias.

Em relação ao nível de escolaridade, os dados mostram que 17% da população não possui escolaridade, enquanto 23% completaram o 1º ciclo. Somados, esses números indicam que uma parcela considerável da população tem acesso limitado à educação básica, o que pode refletir nas suas oportunidades de emprego e desenvolvimento profissional. Os 22% de indivíduos que completaram o ensino secundário e os 7% que atingiram o nível universitário demonstram que, embora haja uma percentagem de pessoas com formação superior, a maioria dos residentes ainda carece de qualificações adequadas para o mercado de trabalho, o que pode contribuir para a perpetuação da pobreza e da marginalização social.

A condição laboral revela que apenas 38% da população está empregada, enquanto 57% são inativos. Esta alta taxa de inatividade pode ser atribuída a vários fatores, como falta de oportunidades

de emprego na região, barreiras à mobilidade ou até questões de saúde. A presença de 5% de desempregados também indica uma necessidade de programas de capacitação e incentivo à inserção no mercado de trabalho.

Esta combinação de fatores sublinha a condição periférica e fragmentada do território, revelando a urgência de intervenções de caráter social, que promovam a educação, a formação profissional e o acesso a oportunidades de emprego, e de cariz urbano, promovendo políticas públicas que promovam a inclusão social e a valorização do potencial humano local. Tudo isso com visão a melhorar a qualidade de vida dos residentes e a coesão social nas Galinheiras e Ameixoeira.

Todas as intervenções que se observam ser feitas localmente não são de arquitetos, mas são iniciativas da comunidade que procuram promover o bem comum. É fundamental que os arquitetos reconheçam o seu papel social nestes contextos e enfrentem estes desafios com compromisso. Devem estar aptos a olhar para o espaço como um todo, compreendê-lo com as suas nuances e colaborar na criação de ambientes que sejam verdadeiramente **PARA** as pessoas e **COM** elas.

3.2 Visão geral da rua

Este subcapítulo foca na caracterização da Estrada Militar e da Azinhaga das Galinheiras, a união de ruas selecionadas para a proposta de intervenção arquitetónica. Esta escolha teve em mente a importância de promover a união entre as escolas e jardins de infância das Galinheiras, e principalmente, desenhar este espaço urbano para que se melhore os percursos casa-escola das crianças deste bairro. Consideram-se os “Caminhos Escolares” defendidos por Francesco Tonucci (1996), que enfatiza a necessidade de criar ambientes seguros e acolhedores para que as crianças possam se deslocar com autonomia e segurança, fortalecendo o vínculo entre as instituições de ensino e a comunidade local.

A Estrada Militar, que originalmente servia como uma via de acesso estratégico à periferia de Lisboa, evoluiu ao longo das décadas para se transformar num corredor urbano fundamental para a conexão do bairro à cidade. Esta via une vários serviços sociais e comunitários, começando pela Feira das Galinheiras, passando pelo Polidesportivo das Galinheiras e pela Escola Básica Maria da Luz de Deus Ramos, além da Capela, do Jardim de Infância e do Centro Social Paroquial da Charneca, até culminar no Largo das Galinheiras.

Além do seu caráter social, a Estrada Militar também possui um significativo caráter comercial, com a presença de diversos estabelecimentos que atendem às necessidades dos moradores, incluindo cafés, serviços de estética e opções de alimentação, contribuindo assim para a dinâmica local e o convívio da comunidade.

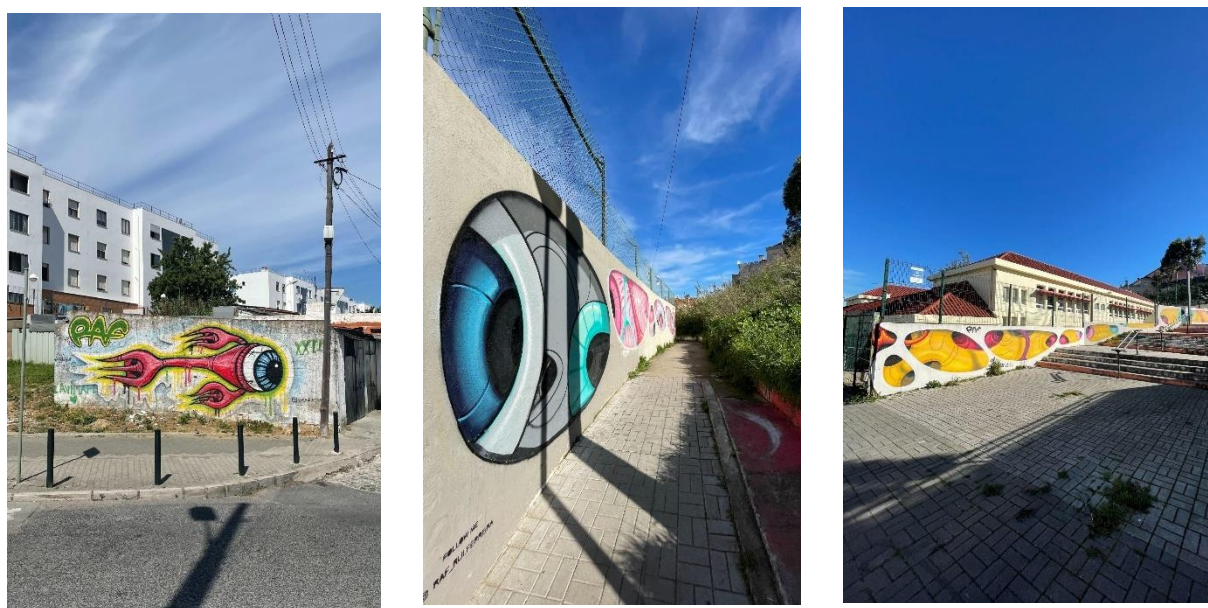


Figura 3.4. Fotografias de arte urbana no Bairro das Galinheiras, Rui Ferreira. Da autora.

Apresenta uma configuração ampla que facilita o trânsito e paragem de veículos, mas que carece de estruturas adequadas para pedestres. A pavimentação deteriorada e a ausência de mobiliário urbano contribuem para uma experiência de deslocamento que não prioriza o conforto e a segurança dos moradores e visitantes, especialmente das crianças que frequentam as escolas e o polidesportivo.

Apesar da diversidade de usos presentes nesta rua, desde atividades desportivas à convivência social no Largo, a configuração atual não favorece a interatividade e a segurança, dificultando a mobilidade confortável das crianças entre estes pontos. A rua serve como um corredor vital que conecta as escolas e jardins de infância, o que volta a ressaltar a urgência de um espaço mais acolhedor e protegido.

Os principais desafios da Estrada Militar incluem a insegurança viária e a falta de infraestrutura que suporte o fluxo de pedestres. A ausência de áreas de descanso e sombra contribui para um ambiente menos convidativo, desencorajando as crianças a deslocarem-se a pé para as atividades escolares e recreativas. Por outro lado, a rua apresenta oportunidades de intervenção que podem transformar a experiência das crianças e das suas famílias. A criação de caminhos escolares seguros,



Figura 3.5. Mapa do Bairro das Galinheiras, com marcação da rua de intervenção e escolas existentes. Da autora.

com mobiliário urbano adequado, áreas verdes e sinalização clara, pode fomentar a união entre as instituições de ensino e proporcionar um ambiente mais favorável à vivência comunitária.

A partir do Largo das Galinheiras, a intervenção prossegue para nascente, atravessando a Azinhaga das Galinheiras. Como observado na Figura 3.4, a união destas duas vias cria uma linha de ligação clara entre vários serviços fundamentais da criança: a sul, a Escola Básica Pintora Maluda, passando a norte perto do Externato Mimá de Ensino Pré-Escolar, Creche e Centro de A.T.L., até mesmo a nascente com o Centro de Desenvolvimento Comunitário da Charneca (CDC Charneca).

Esta rua, ao contrário do cariz mais social e comercial da Estrada Militar, já possui um carácter mais residencial. No entanto, enfrenta desafios semelhantes aos da Estrada Militar, com falta de infraestrutura e um ambiente que não é otimizado para o trânsito de pedestres. A ausência de iluminação adequada e de mobiliário urbano acessível torna a rua um espaço menos seguro, especialmente à noite.

Esta azinhaga serve como um importante eixo de conexão entre o centro do bairro e a periferia, onde encontramos vazios urbanos com potencial para criação de espaços de brincadeira e lazer para crianças e adultos. A sua proximidade com as escolas e jardins de infância destaca a necessidade de transformar este espaço num caminho escolar seguro, onde as crianças possam se deslocar livremente e de forma segura para as atividades educativas e recreativas. Além das residências, existem várias pequenas lojas que complementam a vida local, oferecendo serviços e produtos essenciais para os moradores da área.

Os principais desafios da Azinhaga das Galinheiras incluem a fragmentação da comunidade e a falta de segurança para os jovens que utilizam este espaço. As condições de acessibilidade também são limitadas, dificultando o acesso a serviços essenciais e espaços de convivência. Desafios significam oportunidades de intervenção. Assim, ao considerar uma Cidade para as Crianças, é fundamental transformar estes espaços em áreas mais atrativas, promovendo a integração comunitária e a mobilidade. Isso pode ser alcançado por meio da criação de vias mais seguras pela diminuição da presença do carro, pelo aumento da disponibilidade de espaços verdes desenhados e da implementação de mobiliário urbano que estimule a interação social, tornando a Azinhaga das Galinheiras um local onde as crianças e os seus familiares se sintam valorizados e protegidos.

As habitações precárias e a própria natureza das diferentes culturas presentes no território, como as comunidades de etnia cigana e africana, incentivam uma marca distintiva na apropriação do espaço público. Este uso particular transforma o espaço ao redor das habitações numa projeção do domínio privado, criando, fora de casa, um ambiente quase semi-privado onde a convivência é, em grande medida, restrita aos próprios membros das suas comunidades. Tal uso do espaço público reflete tradições de convivência e proteção mútua, mas também reforça a fragmentação e limita a integração com outras comunidades do bairro.

Visitas ao bairro (Figura 3.5) com um olhar mais atento revelam várias questões que impactam diretamente a criança no espaço público. As vias largas e de velocidades rápidas roubam espaço de mobilidade e lazer. Algumas crianças, mesmo encontrando obstáculos desta natureza na rua, utilizam-na para as suas brincadeiras, correndo os riscos associados à rodovia. Outras, procuram resguardar-se nos espaços exteriores das vilas, onde não são os carros que marcam presença, mas, ainda assim, são zonas ocupadas por outros elementos, necessários à habitação, como estendais de roupa ou mobiliário de exterior.

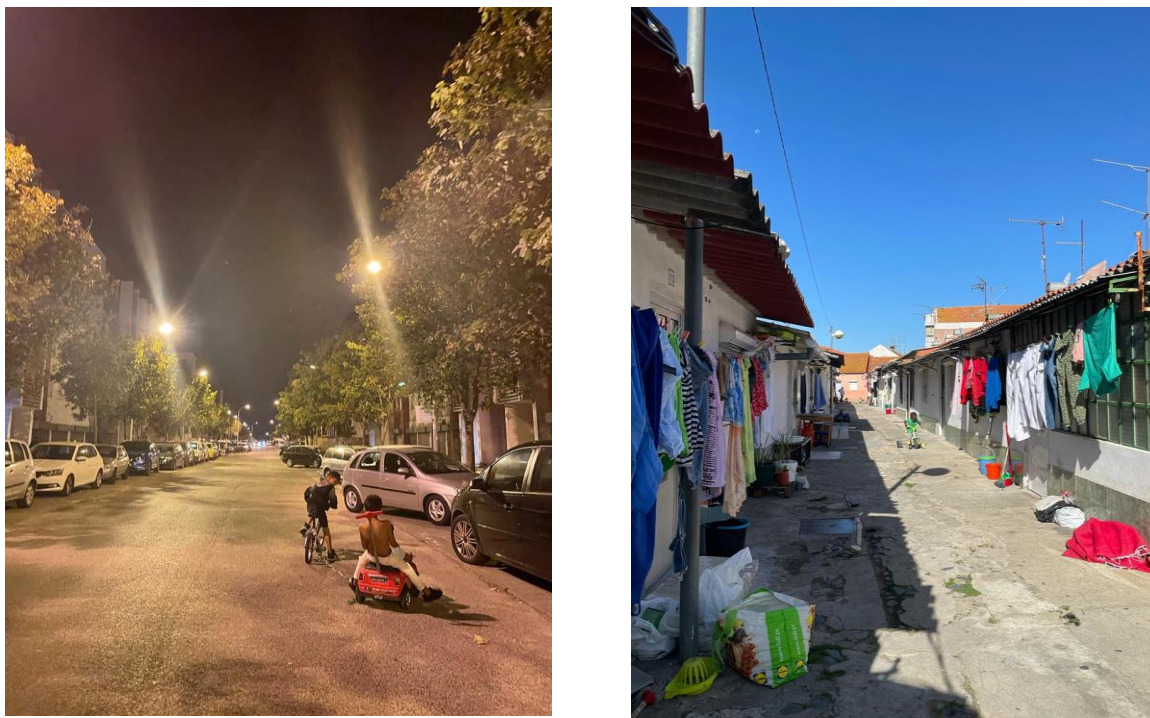


Figura 3.6. Fotografias do bairro. À esquerda, na rua Fernando Gusmão. À direita, nas vilas das Galinheiras. Da autora.

O território apresenta, ainda, áreas específicas que carecem de um uso apropriado e efetivo, particularmente no que diz respeito aos parques infantis, que muitas vezes se encontram subutilizados ou sujeitos a usos inadequados, afastando as crianças do espaço que deveria ser delas.

Além disso, observa-se a presença de espaços urbanos vazios que, sem uma função clara ou atrativa, acabam por contribuir para uma sensação de abandono e insegurança no bairro. Os estacionamentos, por sua vez, estão frequentemente distribuídos de maneira inadequada, ocupando áreas onde poderiam existir zonas de convivência ou atividades recreativas para os moradores, especialmente para os mais jovens. Essas características tornam-se desafios a superar na criação de uma Cidade para as Crianças, onde cada espaço possa realmente promover a interação e a segurança.

3.3 Proposta intervenção

Após a análise das múltiplas camadas de informação teórica, a observação de exemplos práticos bem-sucedidos e o estudo aprofundado do território, propõe-se uma intervenção que responde às necessidades específicas das Galinheiras e Ameixoeira. Esta proposta baseia-se nos princípios de uma Cidade para as Crianças, visando transformar o bairro das Galinheiras num espaço inclusivo, seguro e estimulante. As ações sugeridas procuram não só melhorar a acessibilidade e a mobilidade suave, mas também valorizar a convivência comunitária e o potencial lúdico dos espaços urbanos. O subcapítulo encaminha o leitor através de um passo a passo da intervenção.

Retirando inspiração de iniciativas de sucesso como a das ruas escolares de Paris, onde a interdição do trânsito nas proximidades das escolas permite às crianças deslocarem-se a pé de forma segura e autónoma, a primeira ação nesta intervenção consiste em cortar o tráfego rodoviário do centro do Bairro, na Estrada Militar até ao largo e na Azinhaga das Galinheiras. Esta medida cria um espaço de mobilidade suave, zonas de lazer, e áreas livres e seguras para brincar, sem as interferências e perigos dos veículos, incentivando o uso da rua como extensão do espaço educativo e lúdico das crianças.

As prioridades são invertidas, elevando o pedestre ao topo da hierarquia do espaço público e retraindo o automóvel a um papel secundário. De seguida, o piso da rua é redesenhado em cinco níveis de informação distintos:

1. Para começar, é escolhida uma cor de fundo para o pavimento - o azul -, com um propósito mais profundo além do visual. Sendo uma cor fria, o azul inspira sensações de serenidade e calma, ideais para promover um ambiente acolhedor e seguro no espaço público. Além disso, o azul é associado à inteligência e à sabedoria, qualidades que se relacionam com a intenção de valorizar o espaço urbano como um lugar de aprendizagem e desenvolvimento (Psicologia das cores, arquiteto Leandro Amaral, n.d.). Com essa escolha, pretende-se incentivar um uso do espaço que fomente o bem-estar dos pedestres, especialmente das crianças, e estabeleça um ambiente que inspire confiança e interação tranquila entre os moradores e visitantes.

Este é um pavimento amortecedor contínuo de borracha, ideal para a segurança e conforto de todos, especialmente das crianças. É composto por uma camada inferior de borracha SBR com 40 cm de espessura, projetada para amortecer impactos e garantir segurança, cobrindo uma altura de queda de até 1,40 m, e por uma camada superior de acabamento em borracha EPDM, com 10mm de espessura. Assim como a camada inferior, esta também utiliza um ligante à base de isocianatos e polióis, oferecendo um acabamento resistente e seguro, sem solventes ou substâncias inflamáveis. (*PlayPlanet*, 2010).

A camada decorativa, não apenas traz uma versatilidade de cores que permite uma aparência visual vibrante, como também acrescenta durabilidade e resistência ao pavimento, contribuindo para um ambiente atraente e seguro. Oferece várias vantagens como uma superfície antiderrapante e anti trauma, reduz o risco de quedas e absorve impactos, enquanto a sua flexibilidade, derivada de matérias-primas elásticas, proporciona maior conforto ao caminhar e brincar. Além disso, é resistente, protegendo o equipamento e o piso existente. Outra característica importante é o facto de ser permeável e removível, o que facilita a drenagem e a manutenção, sem a necessidade de fixação ao chão. O pavimento é também sustentável, sendo composto de materiais reciclados e recicláveis, e de fácil aplicação graças ao sistema modular (Lusotrato, 1997).

Em zonas escolares ou comerciais, é desenhado um padrão de quadrados para delimitar e organizar zonas específicas no espaço público, com o objetivo de criar uma identidade visual clara e convidativa. Os quadrados simbolizam ordem e estrutura, elementos que transmitem estabilidade e segurança, essenciais especialmente em contextos escolares. Este padrão geométrico contribui para orientar os utilizadores, definindo áreas de circulação e de permanência, o que facilita o movimento e o convívio de forma intuitiva. Nos espaços escolares, o padrão de quadrados ajuda a criar uma sensação de organização e previsibilidade, que promove a concentração e o respeito pelo espaço partilhado, enquanto oferece uma estética lúdica e acolhedora para as crianças.

2. É introduzido um corredor de mobilidade suave, uma via de circulação um pouco mais rápida que percorre toda a extensão da rua, proporcionando uma ligação direta e intuitiva entre os seus extremos. Prioriza-se a mobilidade ligeira, oferecendo um fluxo contínuo e eficiente que complementa o carácter pedestre e lúdico da intervenção, sem comprometer a segurança dos utilizadores nem a acessibilidade dos serviços essenciais. A via também considera a passagem de veículos de emergência e de serviços, assegurando o acesso essencial quando necessário.

3. A terceira camada é a via pedestre, destinada exclusivamente aos transeuntes e pensada para definir diversas áreas de lazer e conectar zonas de interesse. A sua disposição foi desenhada propositadamente para desacelerar a velocidade de circulação, convidando as pessoas a desfrutarem dos detalhes e interações no espaço circundante. Esta abordagem reforça o sentimento de pertença e segurança, proporcionando um ambiente acolhedor e envolvente para todos, especialmente para as crianças e as suas famílias.

Tanto o corredor de mobilidade suave como a via pedonal, são pavimentos compostos por um sistema de pavimentação permeável, que utiliza ladrilhos cerâmicos de baixo valor comercial. O processo envolve o corte, arranjo e colagem de peças para obter um resultado de uma “pedra de pavimentação que, com uma separação de menos de um milímetro após o processo de colagem, garante a permeabilidade da água, sem comprometer a funcionalidade como pavimentação urbana”. (Divisare, 2019) Esta solução não apenas proporciona um novo uso para produtos que, de outra forma,

seriam difíceis de comercializar, como também reduz as emissões de CO2 geralmente associadas à produção de pavimentos urbanos. Assim, promove-se um processo de economia circular com benefícios ambientais, sociais e econômicos evidentes. No corredor de mobilidade suave, os ladrilhos são dispostos verticalmente, criando um caminho que incentiva a continuidade do movimento. Em contraste, na via pedonal, os ladrilhos são colocados horizontalmente, o que proporciona uma sensação de menor velocidade e convida os pedestres a interagir de forma mais tranquila com o espaço ao redor.

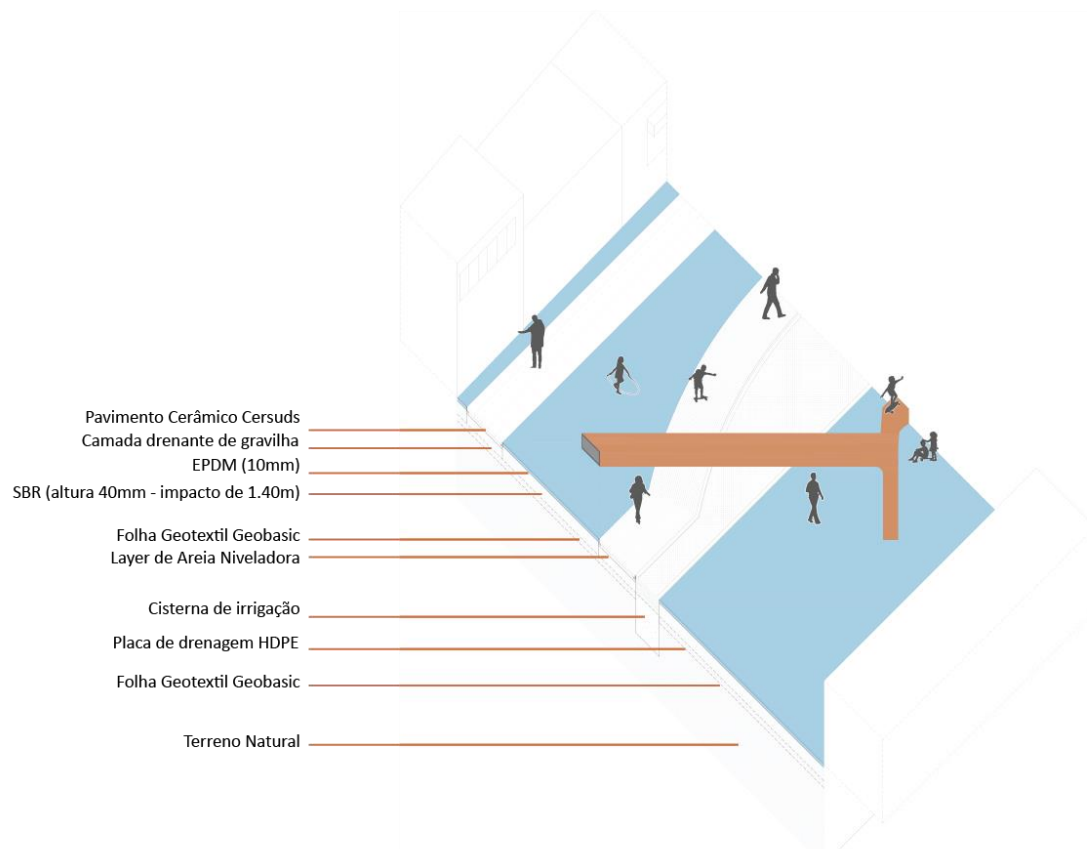


Figura 3.7. Detalhe de pavimentos da rua. Da autora.

4. O movimento do piso e as cores foram intencionalmente estendidos às ruas adjacentes como uma forma de convite visual, para que moradores e visitantes sintam a curiosidade de descobrir a área central e percorrê-la, promovendo maior fluxo entre as áreas da comunidade.

5. Corredores verdes percorrem lado a lado com o corredor da mobilidade. Não apenas promovem a permeabilização do solo, mas também estabelecem uma ligação vital com a natureza, enriquecendo a experiência dos utilizadores ao oferecer áreas verdes que incentivam a interação e o bem-estar.

A proposta de intervenção inclui a incorporação de mobiliário urbano que se inspira nas emblemáticas obras de Aldo van Eyck. Elementos como a aranha para trepar, a caixa de areia, corrimões e blocos de pedra de variadas formas e alturas, foram estrategicamente posicionados ao longo da rua. Esta disposição visa proporcionar experiências diversificadas de brincar e interação entre crianças de diferentes idades, enriquecendo o ambiente urbano e fomentando a sociabilidade.

Além de promover o desenvolvimento motor, os equipamentos respeitam o caráter lúdico que é essencial para uma cidade voltada para as crianças. A relevância da arquitetura de Van Eyck é particularmente evidente neste contexto, onde a diversidade cultural da comunidade exige, de certa forma, a criação de infraestruturas flexíveis que acomodam múltiplos usos. Esta flexibilidade é crucial para atender às necessidades e preferências das diferentes etnias e grupos presentes na área, garantindo que o espaço urbano se torne um verdadeiro ponto de encontro e exploração para todas as crianças.

Esta urgência de encontrar flexibilidade e adaptabilidade, necessária especialmente na comunidade presente neste território, remete ao desenho cuidado e personalizado de uma infraestrutura multifuncional. É introduzida uma estrutura de aço linear, de formato tubular, concebida para percorrer toda a extensão da rua de forma dinâmica, ajustando a sua posição e altura consoante as necessidades específicas do local e dos utilizadores alvo. O tubo de aço linear estabelece uma conexão física entre visitantes e residentes locais em um único movimento, ao mesmo tempo em que possibilita uma variedade de atividades e programações.



Figura 3.8. Axonometria representativa do projeto. Da autora



Figura 3.9. Axonometria representativa do projeto. Da autora

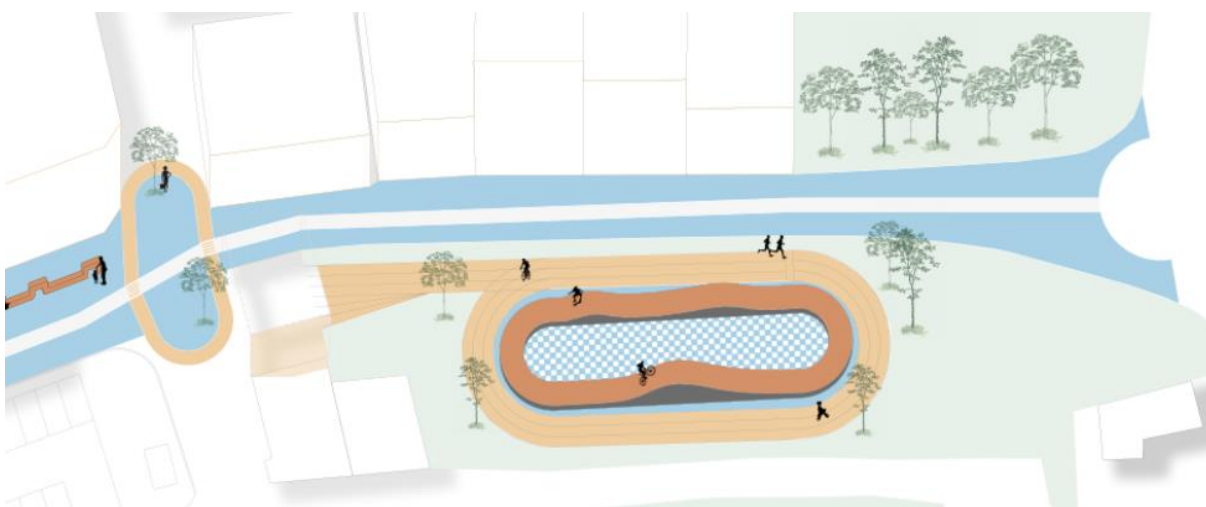


Figura 3.10. Axonometria representativa do projeto. Da autora

A estrutura de aço tubular linear possui uma cor de um laranja vibrante, uma escolha intencional tanto em termos de estética quanto de funcionalidade. Esta cor forte e contrastante serve como um ponto de referência visual no espaço urbano, destacando a estrutura e facilitando a sua identificação a partir de vários pontos do bairro. Tal como o azul do chão, que confere um sentido de continuidade e orientação, o laranja atua como um elemento de identidade, promovendo uma atmosfera acolhedora e, ao mesmo tempo, estimulante.

O laranja também tem um papel simbólico importante: sendo uma cor que evoca energia, calor e dinamismo, ela reforça a natureza ativa e inclusiva do espaço, incentivando o movimento e a interação. Ao contrário de cores mais neutras ou frias, o laranja foi escolhido especificamente para cativar a atenção das crianças e oferecer uma experiência visual marcante e alegre, que ressoa com o conceito de um espaço de brincar e socializar.

A presença do laranja no projeto, em contraste com o chão azul, cria um efeito visual que permite delimitar áreas de atividade e zonas de transição, ajudando a orientar e a dar uma sensação de segurança e identidade ao espaço. Além disso, essa escolha contribui para a criação de um ambiente memorável para as crianças, que passam a associar a cor laranja a momentos de diversão e liberdade, promovendo uma conexão emocional com o local e reforçando o sentimento de pertença ao bairro.

A rua foi projetada como um espaço multifuncional que integra atividades esportivas, áreas de lazer e de convivência, criando um ambiente acolhedor e estimulante para crianças e adultos. Na área do campo de futebol, acrescentaram-se bancadas para a comunidade assistir aos jogos, além de um sistema de iluminação que torna o local seguro e ativo durante as noites. Junto ao campo, a presença de arte urbana (Figura 3.3) reforça o sentido de identidade e apropriação comunitária do espaço, valorizando a cultura local e proporcionando um ambiente dinâmico e visualmente atrativo para jovens e crianças.

Na frente da escola, o espaço foi pensado para incentivar o brincar e a exploração com uma variedade de elementos que incluem o vocabulário de Aldo Van Eyck, como já referido, como uma caixa de areia, corrimão e blocos de pedra dispostos em alturas e posições diversas. A estrutura ainda atravessa a linha do edifício escolar, representando uma extensão simbólica do processo participativo que orientou o projeto, integrando a escola ao tecido urbano e proporcionando uma continuidade entre o ambiente de aprendizagem e o espaço público (Figura 3.7).

Perto do café, a estrutura serpenteia e serve como bancos informais, que, com a adição de mesas, formam uma esplanada ao ar livre para a comunidade. O desenho versátil permite que a estrutura seja adaptada para se transformar em palcos temporários, através da simples instalação de um deck removível, e oferece um local de expressão para eventos e apresentações da comunidade, como iniciativas que a autora pôde observar no programa "Comunidades Saudáveis". Esse espaço

flexível contribui para a inclusão social e cultural, possibilitando encontros comunitários e fortalecendo laços locais num ambiente acessível e acolhedor.

Na praça, com a estrutura elevada, são incluídos toldos para providenciar sombra. A proposta incentiva atividades físicas como escalada e jogos de esconder, que são experiências enriquecedoras para as crianças, fornecendo também opções de baloiços, cordas e arcos para o intuito. A estrutura, semelhante a uma serpente, permite que as crianças atravessem por baixo ou por cima, promovendo brincadeiras que despertam a curiosidade e autonomia. O projeto culmina num *skate park* com pistas de corrida (Figura 3.9), trazendo um espaço de atividade física que atende aos jovens do bairro, incentivando o movimento e o lazer de forma saudável e segura.

Em conclusão, a proposta de intervenção arquitetônica para rua das Galinheiras reflete um compromisso com a criação de um espaço público que prioriza o bem-estar e a inclusão das crianças, transformando a rua num ambiente vibrante e seguro para a brincadeira, a aprendizagem e a convivência comunitária. Ao integrar elementos lúdicos, artísticos e funcionais, como a estrutura linear e as áreas de descanso, o projeto não apenas atende às necessidades das crianças, mas também promove um sentimento de pertença e identidade no bairro. Através da escolha cuidadosa de cores e da articulação entre espaços de lazer e socialização, a proposta procura não apenas revitalizar o espaço urbano, mas também inspirar um modelo de cidade que valoriza a infância e a participação ativa de todos os seus habitantes. Assim, as Galinheiras transformam-se num exemplo de como a arquitetura e o desenho urbano podem contribuir para a construção de comunidades mais saudáveis, felizes e inclusivas, onde as crianças possam explorar, aprender e crescer num ambiente que celebra a vida em comunidade.

Referências Bibliográficas

Arup. (2022). *Playful Cities: Design Guide - Play for anyone, anywhere*. Disponível em <https://www.arup.com/globalassets/downloads/insights/playful-cities-design-guide-play-for-anyone-anywhere.pdf>

Associazione di Promozione Sociale. (n.d.). *Projeto A Cidade das Crianças*. Francesco Tonucci. <https://francescotonucci.org/pt-pt/francesco-tonucci/a-cidade-das-criancas/>

Casas-Vale, D., Oliveira, I., & Dias, C. B. (2023). *The future design of streets*. Universidade do Minho, Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT)

CRP Pavimentos. (n.d.). *Pavimentos em placa EPDM*. https://www.crpavimentos.pt/pavimentos_placa_epdm.php#prettyPhoto

Diana, P., & McMillan, T. (2016). *Designing streets for kids: A guide for planners and practitioners*. National Association of City Transportation Officials (NACTO).

Divisare. (n.d.). *LIFE CERSUDS: A proposal to adapt our cities to climate change*. <https://divisare.com/projects/437720-fernandez-vivancos-eduardo-de-miguel-milena-villalba-life-cersuds-a-proposal-to-adapt-our-cities-to-climate-change>

Gehl, J. (1987). *Life between buildings*. New York: Van Nostrand Reinhold. (Reimpresso por Island Press, 2011).

Gehl, J. (2010). *Cities for people*. Island Press.

Gehl, J., & Svarre, B. (2013). *How to study public life* (K. A. Steenhard, Trad.). Island Press.

Global Designing Cities Initiative (2020). *Designing Streets for Kids*. National Association of City Transportation Officials (NACTO). Disponível em:

<https://globaldesigningcities.org/wp-content/uploads/guides/designing-streets-for-kids-lowres.pdf>

Jacobs, J. (2014). *Morte e vida de grandes cidades* (C. S. Mendes Rosa, Trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1961)

Lombardi, G., & Raffa, M. (2015). Participatory urban planning: The Italian experience. In *Urban planning and the new infrastructure: Concepts, strategies and methods* (pp. 165-176). Springer.

Martinho, J. (2014). *O espaço para a criança na cidade. Um estudo crítico a partir da experiência de Aldo Van Eyck* [Dissertação de Mestrado, Universidade FAUP]. Repositório da Universidade FAUP.

Nações Unidas. (1989). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Assembleia Geral da ONU.

Rossi, A. (2016). *A arquitetura da cidade*. Edições 70. (Obra original publicada em 1966).

Socks Studio. (2018, 11 de fevereiro). *Human structures and architectural archetypes: Aldo van Eyck's playgrounds (1947-1978)*. <https://socks-studio.com>

Tonucci, F. (2019). *A cidade das crianças* (M. Periquito, Trad.). Faktoria K de Livros. (Obra original publicada em 1996).

Torrijos, P. (2019). *When a child rediscovers the city, the city rediscovers us*. Roca Gallery.

Van Eyck, A. (1970). *Playgrounds and the city: Human structures and archetypes*. Amesterdão: Editora XYZ.

White, W. (1980). *The social life of small urban spaces*. New York: Project for Public Spaces. (Reimpresso em 2001).

CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo surge no âmbito de um projeto de investigação a decorrer no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, no Mestrado Integrado de Arquitetura.

O estudo tem por objetivo a fundamentação de conceitos e problemáticas na área do espaço público em contexto da “Cidade vista pelas crianças”.

A sua participação no estudo, que será muito valorizada, irá contribuir para o avanço do conhecimento neste domínio da ciência, consiste numa breve entrevista de 30 min com foco em 3 perguntas que servirão de base inicial para a exploração do tema, a mesma será transcrita e publicada no estudo, com direito à revisão e aprovação.

O ISCTE é responsável pelo tratamento dos seus dados pessoais, recolhidos e tratados exclusivamente para as finalidades do estudo, tendo como base legal o seu consentimento no art. 6º, nº1, alínea a) do Regulamento Geral de Proteção de Dados.

O estudo é realizado por Bárbara Garcia, bggao@iscte-iul.pt, que poderá contactar caso pretenda esclarecer uma dúvida, partilhar algum comentário ou exercer os seus direitos relativos ao tratamento dos seus dados pessoais. Poderá utilizar o contacto indicado para solicitar o acesso, a retificação, o apagamento ou a limitação do tratamento dos seus dados pessoais.

A participação no estudo é totalmente voluntária: pode escolher livremente participar ou não participar. Se tiver escolhido participar, pode interromper a participação e retirar o consentimento para o tratamento dos seus dados pessoais em qualquer momento, sem ter de prestar qualquer justificação. A retirada de consentimento não afeta a legalidade dos tratamentos anteriormente efetuados com base no consentimento prestado.

Não existem riscos significativos expectáveis à participação no estudo.

O Iscte não divulga ou partilha com terceiros a informação relativa aos seus dados pessoais.

O Iscte tem um Encarregado de Proteção de Dados, contactável através do email dpo@iscte-iul.pt. Caso considere necessário tem ainda o direito de apresentar reclamação à autoridade de controlo competente – Comissão Nacional de Proteção de Dados.

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pela investigadora, ter-me sido dada a oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora. Aceito participar no estudo e consinto que os meus dados pessoais sejam utilizados de acordo com as informações que me foram disponibilizadas.

Sim ☐ Não ☐

_____ (local) ____ / ____ / _____ (data)

Nome: _____

Assinado por: JOSÉ CARLOS BAPTISTA DA MOTA

Num. de identificação: 07358310

Data: 2023.11.29 16:48:53+00'00'

Assinatura: _____



Transcrição Integral da entrevista realizada a José Carlos Mota por Bárbara Garcia, a 29 de Novembro de 2023, via Zoom.

Transcrição realizada pela própria.

Bárbara Garcia

Bom dia, Professor José Carlos Mota, autoriza a gravação desta entrevista?

José Carlos Mota

Sim sim, autorizo.

Bárbara Garcia

Ok, então agradeço desde já a sua disponibilidade e simpatia e vou dar então início às questões. No livro a cidade das crianças, de Francesco Tonucci, o autor propõe que se substitua o padrão pelo qual a cidade é pensada, sendo este padrão o adulto, masculino e trabalhador, pela criança, refere ainda que não se trata de defender os direitos de uma componente fraca da sociedade, mas de aceitar e abraçar a diversidade que a criança traz.

Portanto, qual é a sua visão sobre este tema e como é que nós, como arquitetos, podemos construir soluções para desenhar a rua para que seja segura e pensada nas crianças?

José Carlos Mota

Ok, então, espera só um bocadinho só para eu aqui abrir... Eu tive aqui uma apresentação, tu recebeste a minha apresentação que eu fiz em Torres Vedras, não?

Bárbara Garcia

Não, não tive acesso.

José Carlos Mota

Então eu vou te mandar daqui a um bocadinho. Porque eu acho que ela resume um bocadinho o raciocínio do que é que eu tenho vindo... do que temos vindo a trabalhar sobre este assunto.

Bárbara Garcia

Ok, perfeito.

José Carlos Mota

E portanto, eu vou já abrir que assim eu já te mando e assim ficas já com o registo completo. Pronto, já está aqui. O argumento depois está mais detalhado na versão que eu te envio no PowerPoint.

Bárbara Garcia

Ok.

José Carlos Mota

Em primeiro lugar, há aqui uma razão que explica a dificuldade de hoje olharmos para as ruas como espaço pleno, do ponto de vista da sua utilização pelas crianças. Quando eu nasci, quando eu era criança, nós tínhamos cerca de 2 vezes mais crianças no espaço público do que temos hoje. E, portanto, o que significa que nós tínhamos um espaço público que era muito mais humanizado. Portanto, tinha muito mais vida, porque as crianças tinham essa presença. Por outro lado, essas crianças não tinham, como temos hoje, um conjunto de atrativos, que de alguma forma, não tendo esses atrativos, que focavam na vida com a rua ou o brincar na rua com os outros meninos da sua idade. Mas por outro lado, a segunda questão muito importante é que hoje, ou nessa altura, tínhamos 5 vezes menos carros. Repara a proporção, nós tínhamos 2 vezes mais crianças e 5 vezes menos carros. E, portanto, não é só um problema de projeto ou de desenho da infraestrutura como Tonucci diz. É também um problema de quantidades, de quantidades de pessoas e quantidades de carros.

Por outro lado, hoje os carros circulam muito mais depressa e são muito mais pesados no sentido de serem muito mais agressivos do que era a circulação automóvel na minha geração e, portanto, esta é a primeira nota. O Francesco quando diz que as cidades foram construídas para os pais dessas crianças, na verdade essa infraestrutura correspondeu àquilo que era a necessidade de circulação e, portanto, isto respondia também a uma desorganização do território. A grande mudança que houve nas últimas décadas é que nós tínhamos a cidade organizada por funções, em que a escola e a casa estavam muito mais próximas do que estão hoje. Onde o trabalho e a residência também estavam muito mais próximos. E onde as ofertas comerciais eram muito menores. Portanto, o que também ocorreu, foi uma desorganização da articulação entre estas funções, uma desorganização no tempo e no espaço. E, portanto, estas duas circunstâncias: a quantidade e a forma como essas funções estão organizadas gerou muitos problemas. Gerou problemas do ponto de vista da sinistralidade, ou no fundo, não só os acidentes rodoviários, mas os sinistros, porque eles não acontecem por acaso. Com um impacto tremendo do ponto de vista das perdas de vidas humanas, como, não sei se sabes, a morte em acidentes rodoviários ou sinistros rodoviários é a maior causa de morte juvenil ou infantil. E, por outro

lado, também um problema da saúde pública relacionado com estilos de vida, com obesidade e o excesso de peso, que é um problema muito grave a nível europeu.

Portanto, esta acumulação de problemas gera muita dificuldade na forma como hoje vivemos a rua. E, portanto, o argumento que deixava era que nós, para revertermos isto, temos que reverter toda a organização da cidade. Portanto, a forma como nos deslocamos, a quantidade de vezes que nos deslocamos e a motivação ou a valorização daquilo que são as funções que estão a uma distância mais curta das nossas residências. Portanto, aquilo que é o modelo de cidade em que valorizamos a proximidade em todos os níveis.

Por isso, uma última nota: toda esta vida sedentária e baseada no uso do automóvel criou um problema muito, muito mais grave que é a hiper proteção das crianças e dos jovens. Como Francesco Tonucci também, também diz, e está escrito nesta apresentação, nós temos o problema da autonomia mais baixa em toda a Europa. Portanto, isto significa que as crianças não aprendem, não só não têm estes hábitos de deslocação saudável, como não aprendem a gerir o risco de usar o espaço público. O que significa que, quando são confrontadas com o risco, as consequências são muito mais graves. Hoje na Europa, e também está aqui referido, sobretudo no norte da Europa, há uma política de introdução do risco, do risco das cidades, da gestão do risco, das brincadeiras nos parques infantis, na deslocação para a escola. E, portanto, muita das políticas, por exemplo, do ir a pé ou de bicicleta em grupo para a escola comporta algum risco, mas é um risco calculado porque é um risco que significa que as crianças vão acompanhadas ou vão em grupo, portanto, havendo sempre algum nível de risco, ele é controlado e, sobretudo, é uma forma de experimentar esta reutilização do espaço público na nossa vida.

Bárbara Garcia

Ok, muito obrigado! Passando aqui para a segunda pergunta.

Considerando o trabalho que desenvolve nas Civic Labs e as suas várias experiências com os municípios nacionais e tendo em conta também que o território em estudo neste laboratório se caracteriza por uma diversidade de etnias e culturas, nomeadamente comunidades africanas e ciganas, torna-se fundamental envolver as crianças no desenho da cidade. Portanto, quais são os processos a adotar para a cocriação de soluções com as crianças destas comunidades?

José Carlos Mota

Bem, há várias experiências bem-sucedidas com as quais devemos aprender. Nós perguntámos uma vez às crianças e aos jovens: Como é que vos envolvemos? Em vez de imaginar como deveria ser, o que devemos sempre fazer é perguntar, nada melhor do que ir ter com uma criança ou com um jovem e perguntar. Numa das reuniões em Vila Nova de Gaia, uma das jovens disse-nos assim: “Vocês têm dois erros. Em primeiro lugar, convidam-nos a nós para irmos para as vossas áreas de conforto e não ao

contrário, não são vocês que saem da vossa área de conforto. Portanto, vocês têm que vir ter connosco e ir à procura do nosso lugar.”

E esta questão de “ir à procura do nosso lugar” deixou-nos a pensar. E a segunda (segundo erro que ela apontou) é que deveríamos usar plataformas virtuais e presenciais que sejam dominadas por estes jovens. As plataformas não são o Facebook, não são o LinkedIn, não são os sites, são outras plataformas digitais com as quais eles interagem de uma forma mais próxima. Nomeadamente Instagram, nomeadamente os jogos. Tudo que é a gamificação de exercícios participativos melhora ou favorece a sua apropriação por jovens.

Ainda assim, da nossa experiência, as práticas mais bem-sucedidas são as presenciais. São aquelas onde nós interagimos diretamente e não por uma mediação tecnológica. O exercício mais bem-sucedido, foi o exercício com Valongo, no âmbito do plano diretor municipal. Em que o projeto se chamava mesmo “à procura do meu lugar”. Foi coordenado pela Desirée Seixas. A tese de doutoramento de mestrado dela está disponível na Internet. Depois, se quiseres, eu envio-te. Na verdade, o que foi feito foi perguntar às crianças quais eram os lugares preferidos de brincar. Nós não perguntamos o que é que era a cidade que desejavam, fomos perguntar sobre os lugares que elas dominam, que conhecem ou que preferem. São os de brincar. E, em primeiro lugar, foi fazer o mapeamento desses lugares. Muitas vezes é um recreio, outras vezes era um espaço ao pé da casa, outros era o jardim, outros casos era a associação desportiva, outros eram a Serra. Porque Valongo está ao pé duma Serra, Serra do Porto.

E o que procuramos fazer foi perguntar-lhes, através das técnicas que eles dominam, que é o desenho para que eles fizessem uma investigação, um desenho sobre um lugar preferido. Que desenhassem. Esse desenho tinha algumas regras. Essa observação era uma observação informada sobre o passado lugar, portanto, perguntando aos avós o que é que era aquele lugar antes. E depois, uma observação direta do que é que é hoje o lugar. O que é que se passa à volta? Quem é que o utiliza? O que é que corre bem? O que é que está bom? O que está mal?

E depois deste momento de observação, havia uma segunda etapa de sonho, de desejos. Que era o que eles gostariam que aquele lugar de brincar tivesse, tivesse de diferente. Nalguns casos, eles falavam de melhorias de equipamentos, mais bancos, mais jardim, mais verdes, mais árvores, mais água.

Noutros casos, falavam da necessidade de haver mais lugar para a imaginação, para o sonho. Foguetões para a Lua, máscaras invisíveis que protegessem da Covid, que isto foi durante a covid. E um terceiro domínio, foi a relação com a natureza, a relação com a água, com os rios, com as ribeiras, com as serras. Portanto, isto identificou um padrão de preocupações das crianças, de valorização. E depois destas propostas, o que estamos a fazer é experimentar algumas delas. Propor ações de

melhoria, tática, cirúrgica, destes espaços, de alguma forma de consequência aos seus sonhos e aos seus desejos. Portanto, este foi um dos exercícios que fizemos com as comunidades jovens, crianças. Com comunidades ciganas, fizemos o mesmo. Uma comunidade cigana é uma comunidade que vive muito o espaço público. E num projeto depois também posso enviar um relatório, também perguntamos às crianças, o que é que elas gostavam de ter no espaço público. E entre elas, umas crianças do bairro, fizeram um processo participativo para identificar a natureza do mobiliário urbano que criam. Portanto, conceberam um programa para um parque infantil.

As crianças ciganas também têm direito aos equipamentos lúdicos, ou melhor ainda, estas crianças têm o direito a usar todos os equipamentos lúdicos, mas elas vivem numa cidade à parte, à margem daquilo que são as outras comunidades.

E, por isso, há aqui dois trabalhos a fazer: um é a melhoria dos seus bairros, com estes equipamentos, até que tenham equipamentos tão bonitos e tão atrativos que sejam desejados por todas as crianças e, portanto, o parque infantil seja um espaço de inclusão. Por outro lado, é que elas tenham oportunidade de brincar no resto da cidade que elas julgam que não têm direito. Isso passa-se com crianças ciganas e com crianças africanas.

Com as comunidades africanas com as quais trabalhamos, descobrimos também que a cidade, para muitas delas, é uma cidade impossível. É uma cidade a que não têm direito, a que não têm acesso. Não têm acesso por não conhecerem ou por não se sentirem bem-vindas ou acolhidas. É uma parte da cidade que, infelizmente, não entra no seu quotidiano. Aí também há um trabalho de descoberta da cidade e de a tornar sua.

Bárbara Garcia

Muito bem. A terceira e última pergunta. Como vou iniciar agora uma fase de análise de casos de estudo, consegue-me indicar mais alguns exemplos paradigmáticos, nacionais ou internacionais, que possa analisar?

José Carlos Mota

Olha eu recomendo várias coisas. Em primeiro lugar, recomendo um projeto que nós também fizemos, que é o Kit “A nossa rua”. A ideia do Kit foi uma ideia simples, de fechar a rua com um kit, um kit de brinquedos, brinquedos muito simples, uma bola, giz, alguns jogos, numa cargobike, e que de alguma forma é uma espécie de cavalo de Troia do vivenciar a rua. É importante fechar a rua, é importante ativá-la com brincadeiras e este kit “a nossa rua” é na verdade, o despoletar desta apropriação, não só pelas crianças, mas também pelas suas famílias.

Para além do Kit “A nossa rua” há muitos projetos do brincar de rua. O Francisco em Leiria... há o 123 macaquinho do chinês do Frederico, é um outro projeto que eu recomendo. São dois projetos de brincar de rua que tu deverias pesquisar.

O Francisco é o Francisco Lontro, que é o de “brincar de rua”. E o Frederico Lopes da Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa. Ambos têm iniciativas muito interessantes nesta questão do brincar no espaço público em Portugal. Eventualmente outras experiências que deves ter visto na conferência de Torres Vedras.

A nível Internacional, eu diria que as intervenções em Barcelona, das micro praças. As intervenções das ruas escolares em Paris e em Milão. São três experiências muito, muito ricas que tu podes estudar como boas práticas da criação de um espaço público mais acolhedor para a criança. E sobretudo, uma forma participada, portanto, envolvendo este público. Enfim, depois, há outras experiências, mas eu diria que estas aqui são, talvez, as mais promissoras.

Bárbara Garcia

Professor, muito obrigado. Termina assim a entrevista.